



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

JOSIANE ALVES BARRETO NOVAIS

“VIVER É MELHOR QUE SONHAR”: QUADRILHA JUNINA
UNIDOS EM ASA BRANCA E A PANDEMIA DA COVID-19

São Cristóvão - SE
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

JOSIANE ALVES BARRETO NOVAIS

**VIVER É MELHOR QUE SONHAR: QUADRILHA JUNINA
UNIDOS EM ASA BRANCA E A PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, no âmbito do Mestrado Acadêmico em Antropologia Social, linha de pesquisa: Memórias, Saberes, Práticas e Patrimônio, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Leal Esteves.

São Cristóvão SE
2023

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

N935v Novais, Josiane Alves Barreto.
Viver é melhor que sonhar : Quadrilha Junina Unidos em Asa Branca e a pandemia da COVID-19 / Josiane Alves Barreto Novais ; orientador Leonardo Leal Esteves. - São Cristóvão, SE, 2023.
84 f.: il.

Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Antropologia. 2. Festas juninas. 3. COVID-19, Pandemia, 2020-. 4. Memória. 5. Socialização. I. Esteves, Leonardo Leal, orient. III. Título.

CDU 394.48

JOSIANE ALVES BARRETO NOVAIS

**VIVER É MELHOR QUE SONHAR: QUADRILHA JUNINA UNIDOS EM ASA
BRANCA E A PANDEMIA DA COVID-19**

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pela seguinte Comissão Examinadora, no dia ____ de ____ de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: Prof. Dr. Leonardo Leal Esteves – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFS

Membro Titular: Profa. Dra. Rosana Eduardo da Silva Leal – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da UFS

Examinadora Titular Externa à UFS: Profa. Dra. Luciana Barros Gama – Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE

Sou feita de retalhos

Pedacinhos coloridos de cada vida que passam pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade, que me torna mais pessoa, mas humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz, de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. A melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados. Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida, história com retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós (PIZZIMENT, 2013).

AGRADECIMENTOS

Tenho profunda gratidão às pessoas que me ajudaram na realização deste trabalho, sem elas, não teria chegado até aqui. Primeiramente, quero agradecer a Deus por sempre estar comigo nos momentos mais difíceis. Logo em seguida à minha família que esteve sempre presente nos momentos decisivos.

Ao meu esposo Edson pelo apoio e carinho por ter me aturado, principalmente quando meu notebook quebrou e por compreender a minha ausência em determinados momentos, minha eterna gratidão. Aos meus filhos, Ezequiel e Rafael, que muitas vezes silenciaram para não comprometer minha concentração, algumas vezes, quando necessário, precisei ser dura, desagradando a gurizada que vinha brincar, falar de futebol e jogar *free fire*. Obrigada pela compreensão!

Ao prof. Dr. Leonardo (PPGA-UFS), orientador deste trabalho, gostaria de expressar o meu sincero agradecimento por sua orientação, incentivo, motivação e paciência, bem como, pelo seu olhar sensível, refletido em suas ações e na frase do seu *Whatsap*, “Me movo como educador porque, primeiro me movo como gente” (Paulo Freire). As palavras são insuficientes para expressar minha gratidão. Que Deus possa retribuir-lhe em dobro pelo empenho e profissionalismo na orientação desta dissertação.

À profa. Dra. Rosana Eduardo da Silva Leal (PPGCult/UFS), ao Prof Dr. Luiz Gustavo Pereira Correia de Souza (PPGA-UFS), por participaram com profissionalismo e maestria no processo de qualificação, bem como a Profa. Dra. Luciana Barros Gama (DAM-UFPE) pelo aceite e participar da banca, vocês são/ foram peças fundamentais nesse processo, obrigada pelas orientações e observações e palavras de incentivo. Aos meus colegas de turma, Mariana Cavalcante, Gladston Oliveira, Matheus Bispo, Jessica Dias, Mary Jeniffer, Luciana Tourinho, Laila Souza, Suzy Kelly Barbosa vocês compartilharam comigo experiências únicas, tenho enorme carinho por vocês, turma da resistência, obrigada, vocês foram dez.

A Berghson Bonfim do Programa de Antropologia (PPGA- UFS) pelo auxílio dentro do programa. Aos professores Dr. Ulisses Neves Rafael, Prof. Dr. Roberto Lima, Prof. Dr. Ugo Maia Andrade, Prof. Dr. Frank Nilton, Prof. Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira e ao Prof. Dr. Luiz Gustavo, gostaria de expressar meu profundo agradecimento pelo longo período em que ministram as aulas de forma remota. Vocês enfrentaram inúmeros desafios de adaptações e sei que não foi fácil, ficávamos horas e horas diante da tela do computador ou celular, agradeço imensamente pelas orientações!

Fico muito feliz em dizer que, no percorrer da minha vida até os dias atuais, tive professores exemplares. Entre eles, destaco professoras do CODAP Maria Josefa e Gicelma Machado, que passaram muito rápido na minha vida, antes da graduação, mas deixaram uma marca duradoura, foram certas, incentivadoras, muito obrigada. A Manoela Rocha e Rosely Melo, amigas que nos momentos que precisei estavam presentes, vocês fazem parte desse processo, e serão sempre “Pedacinhos coloridos de vida que passam pela minha”. Obrigada por tudo!

Agradecendo aos meus amigos quadrilheiros, ressalto que esse trabalho vem firmar o meu carinho pelo movimento junino, no qual futuramente estarei na arquibancada, prestigiando e aplaudindo aqueles que continuarão nos tablados. Foram anos de aprendizagem, superação, conflitos, alegrias e felicidade. Seria impossível descrever o sentimento de ser quadrilheira.

Minha eterna gratidão aos que compunham “Abusados”, primeira quadrilha que dancei. Foi uma época de muitas descobertas em 1996, tudo muito simples, eu era a noiva, em todas as apresentações lá estava eu, com uma faixa escrito “Asa Branca nossa canção do século”, música de Luiz Gonzaga. Não tardou e após dois anos a Abusados passou a ser administrada por outro grupo e ser chamada “Abusados da Roça”, do qual também fiz parte.

Quero agradecer também aos componentes da quadrilha junina Pioneiros da Roça, Meu Xodó, Coração Nordestino, Século XX, em especial, aos quadrilheiros e direção da quadrilha junina Unidos em Asa Branca. Esse trabalho é a melhor forma de não só agradecer, mas de deixar registrado a importância das quadrilhas sergipanas, em especial, as que fizeram parte da

minha vida, e em nome de todos que fizeram parte da minha história como quadrilheira, em nome de todos eles, agradeço a André Camilo, marcador, e a sua dama Ticiane, da “Unidos em Asa Branca”, a meu parceiro Anderson, aos amigos que dançaram ao meu lado, André Santana, Andrea, Suane, Claudio, Luciana Viana e Clécio. Vocês representam todos os quadrilheiros de Aracaju, a quem agradeço por fazer parte do São João. Este trabalho é para vocês!

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar as dinâmicas e transformações em torno dos rituais festivos das quadrilhas juninas de Aracaju SE, no contexto da pandemia de Covid19. De modo particular, procuro compreender experiências dos quadrilheiros em relação às ausências dos rituais festivos em seu formato mais tradicional, em razão da pandemia, a partir das memórias, práticas e sentidos associados às quadrilhas juninas. Dentre os objetivos deste trabalho, procuro destacar o que foi realizado pelas quadrilhas durante o período sem apresentações, compreender os sentidos da ausência das relações de sociabilidades em seus formatos mais tradicionais para os quadrilheiros e quadrilheiras de Aracaju no contexto de pandemia, analisar a resignificação da festa junina no período de isolamento social físico e no seu retorno aos arraiais. Para isso, tomo como referência empírica a quadrilha junina Unidos em Asa Branca, por ser considerada uma das quadrilhas juninas mais antigas no cenário cultural sergipano. Nessa pesquisa, fiz o uso da observação participante e de minha experiência e relação como quadrilheira desde 1997. Com isso, espero que esse estudo possa contribuir para um maior entendimento em torno da importância dos rituais festivos em nossas vidas e sobre os processos sempre ricos e complexos de reelaboração das dinâmicas artísticas e culturais no campo das quadrilhas juninas.

Palavras-chave Quadrilhas Juninas, Festas Juninas, Rituais Festivos, Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the dynamics and the transformations on the festive rituals of the *quadrilhas juninas* of Aracaju-SE during the Covid-19 Pandemic. By this, I try to understand the experiences of the *quadrilhas* regarding the absences of festive rituals due to the Pandemic, trying to comprehend the memories, practices and meanings associated with the *quadrilhas juninas*. Among the objectives of this dissertation, I try to highlight what was accomplished by the *quadrilhas* during that time without presentations, to understand the meanings of absence and relationships of sociability in their most traditional formats for the *quadrilheiros* and *quadrilheiras* of Aracaju during the Pandemic, to analyze the meanings the reframing of the June festival in the period of the quarantine and its return to the “*arraias*”. For this, I take as empirical reference the Quadrilha Junina Unidos de Asa Branca, because it is considered one of the oldest *quadrilha junina* of the Sergipe cultural scene. In this research, I used participant observation and my experience and relationship as a *quadrilheira* since 1997. With this, I hope that this study can help to understand the importance of the festive rituals in our and of the always rich and complex processes of re-elaboration of artistic and cultural dynamics in the field of the *quadrilhas juninas*.

KEYWORDS: *Quadrilhas juninas*, June Festivals, Festive Rituals, Covid 19.

LISTA DE SIGLAS

UAB - Unidos em Asa Branca

OMS - Organização Mundial de Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FEQUAJUSER - Federação de Quadrilhas Juninas do Estado de Sergipe

LIQUAJUSE - Liga de Quadrilhas Juninas de Aracaju e Sergipe

CONFEBRAQ - Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadrilheiro André Santana.....	30
Figura 2 - Componentes da quadrilha Junina Unidos em Asa Branca em uma das suas primeiras apresentações.....	34
Figura 3 - Damas da Unidos em Asa Branca.....	43
Figura 4 - Reflexão Pós ensaio.....	44
Figura 5- Reunião antes do ensaio.....	45
Figura 6 - Logomarca dos 40 anos da Unidos em Asa Branca.....	47
Figura 7- Reportagem TV Sergipe.....	49
Figura 8 - Cartaz de divulgação da <i>live</i> Buteco da Unidos.	50
Figura 9 - Exposição de trajes.....	54
Figura 10 - <i>Live</i> um Novo Ciclo.....	55
Figura 11 - Gravação do clipe "Vem São João".....	58
Figura 12- Cartaz do Pré-Junino.....	62
Figura 13 - Ator Jad Rocha com os olhos vendados.....	65
Figura 14-Tema Vida.....	68
Figura 15- Pesadelo.....	69
Figura 16-Personagem esperança representada pelo marcador que entra sozinho no meio do salão.....	70
Figura 17 - Casal de noivos da Unidos em Asa Branca.....	72
Figura 18- Quadrilha Junina Unidos em Asa Branca no concurso da TV Sergipe.....	73

Figura 19- Apresentação da quadrilha Junina Unidos em Asa Branca em Recife no Ginásio Geraldo, para o Rede Globo Nordeste.....75

SUMÁRIO

Introdução	14
1. Rituais festivos, quadrilhas juninas e a pandemia de covid 19	21
1.1 Rituais festivos: porta de entrada para compreensão da vida social	21
1.2 Quadrilhas juninas e a Unidos em Asa Branca:alguns apontamentos.....	25
1.3 Pandemia da Covid19.....	35
2. O apagar das luzes no contexto da Pandemia de Covid 19: reinvenção criativa da quadrilha junina Unidos em Asa Branca	41
2.1 Expectativas para festa: Relação de sociabilidade nos ensaios e algumas considerações.....	41
2.2 Buteco da Unidos em Asa Branca.....	49
2.3 Revivendo o São João com a Unidos em Asa Branca.....	52
2.4 Exposição de trajes.....	53
2.5 Live um Novo Ciclo.....	55
2.6 Clipe da canção “Vem São João”.....	57
3. O retorno aos arraiais ou “viver é melhor que sonhar”	59
3.1 “Fim” da Pandemia: E os preparativos para o retorno.....	60
3.2 “O que valioso eu trago em mim?” retorno aos arrais.....	66
Considerações Finais	76
Referências	80

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é analisar as dinâmicas e transformações em torno dos rituais festivos das quadrilhas juninas de Aracaju SE no contexto da pandemia da Covid-19. De modo particular, procuro compreender experiências dos quadrilheiros em relação à ausência das festas juninas em seu formato mais tradicional, entre os anos 2019 e 2021. Dentre os objetivos deste trabalho, procuro destacar o que foi realizado pelas quadrilhas juninas durante o período sem apresentações, compreender os sentidos da ausência da festa junina em seu formato mais tradicional no contexto de pandemia; analisar a ressignificação da festa junina naquele período de isolamento social físico e no seu retorno aos arraiais.

Embora Sergipe seja considerado o menor estado do Brasil, segundo o IBGE (2010), com extensão territorial de 21.918,443 km², 75 municípios, e população estimada de 2.209.558 de habitantes, os festejos juninos se destacam dentro das festas populares existentes no Brasil. Em alguns municípios sergipanos os festejos ganham mais notoriedade, pela diversidade mobilizadora, longevidade e capacidade de gerar experiências individuais e coletivas, assumindo dimensão simbólica de atividade ritualística significativa na vida de alguns de seus moradores.

Em Sergipe existem seis municípios com maior tradição das festas juninas. São eles: Aracaju, Estância, Areia Branca, Cristinápolis, Muribeca e Capela. Nos meses de junho e julho essas cidades ganham um colorido especial, as ruas ficam enfeitadas com bandeirolas, palhas de coqueiros e o clima junino invade a cidade, que exprime um ritmo de atividade coletiva mobilizando pequenas comunidades, amigos e famílias, tendo a quadrilha junina como a “dança da festa”, conforme observado por Chianca (2013).

Para compreender as dinâmicas e transformações em torno dos rituais festivos das quadrilhas juninas de Aracaju SE no contexto da pandemia da Covid-19, tomo como referência empírica as atividades da Quadrilha Junina Unidos em Asa Branca- UAB, grupo do qual eu faço parte atualmente, pela

atividade coletiva e mobilizadora realizada dentro do cenário cultural sergipano e pelo fato de ser considerada uma das quadrilhas juninas mais antigas do estado de Sergipe. Além disso, essa quadrilha junina é a atual representante do Estado no concurso da Rede Globo Nordeste, evento realizado anualmente, de grande importância para as quadrilhas juninas, pela visibilidade e honrarias atribuídas à campeã.

É importante frisar que, dentro das tradições das festas juninas, as quadrilhas trazem uma dimensão estética e simbólica, resistente ao tempo, que passa a integrar lugares diversos, como escolas, festas particulares, concursos regionais, eventos públicos, dentre outros (Chianca, 2013).

Dessa forma, ao ganhar notoriedade em seus formatos diversos, destaca-se pela grande capacidade mobilizadora, geradora de sociabilidade para além dos laços mais diretamente comunitários.

Em Sergipe não é diferente, ao ganhar novos formatos e dinamicidade da execução dos passos, figurinos, e repertório musical. Nesse contexto, a quadrilha junina tem sido ressignificada e inserida em uma dinâmica de espetáculo, ainda que sem perder suas dimensões rituais festivas.

Inicialmente ligada à religiosidade e a festas promovidas pela Igreja, as quadrilhas juninas modificaram-se e com o tempo passaram a estar inseridas em uma dinâmica de disputas realizadas anualmente por meio dos concursos de quadrilhas juninas. Nas palavras de Hugo Menezes Neto (2019):

Os concursos são parte indissociável das quadrilhas juninas, culminância de um processo de elaboração criativa e de experiência grupal idiossincrática. Toda a preparação está voltada para os concursos de ordem local, regional e nacional[...]. Não importa exclusivamente ganhar, na verdade [...] é o processo ritual de preparação e participação que faz sentido (Menezes Neto, 2019, p.18).

Dessa forma, o processo de elaboração criativa e experiência grupal, dentro dos concursos, e nas festas juninas realizadas anualmente vêm reafirmar as relações sociais e organizam, por exemplo, a nossa noção de tempo e espaço e, além disso, nos ajuda a criar e recriar conscientemente a nós mesmos enquanto sociedade.

Nas palavras de Durkheim, ao tratar sobre os rituais religiosos:

Não pode haver sociedade que não tenha a necessidade de manter e revigorar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade. Ora, essa restauração moral só pode ser obtida por meio de reuniões, de assembleias, de congregações, em que os indivíduos, aproximando-se uns dos outros, reafirmam em comum seus sentimentos comuns (Durkheim, 1996, p. 472).

O mesmo parece ocorrer com os rituais festivos. Essa necessidade de manter e revigorar os sentimentos coletivos de celebrar, no entanto, foi interrompido no contexto da pandemia. Os riscos de transmissão da Covid-19, vírus altamente transmissível, que vinha provocando uma doença até então desconhecida, com efeitos letais em várias partes do mundo tornou-se uma triste realidade.

Com isso, todas as atividades festivas e elaboração criativa realizadas no âmbito nacional e estadual foram suspensas, os eventos públicos e particulares, como o São João do estado de Sergipe e demais localidades do Brasil, não foram realizados. Toda a programação junina foi interrompida, sem previsão de retorno, suspendendo ideias coletivas, ensaios, reuniões, com repercussão não apenas na ordem biomédica e epidemiológica, mas com impactos em vários rituais festivos, com consequências sociais, econômicas, políticas e culturais.

Como observam Menezes Neto e Chianca (2021):

As festas juninas em devoção a Santo Antônio, São João e São Pedro forjam o complexo ritualístico e festivo mais expressivo do Nordeste contemporâneo. Em 2020, entretanto, a pandemia de Covid-19 impactou fortemente todas as suas dimensões, provocando a impossibilidade de vários rituais. Outros foram adaptados, ajustados, inventados e recriados por grupos para viver traços dessa experiência de algum São João num ano absolutamente atípico de suspensão do ciclo e cancelamento de eventos públicos. Enquanto manifestação artístico-cultural mais emblemática das festas, as quadrilhas juninas promovidas pela juventude da periferia das cidades do Nordeste, também foram sensivelmente afetadas pela pandemia, forçadas a interromper a preparação dos seus grandiosos espetáculos anuais (Chianca e Menezes, 2012, p.91).

Assim sendo, ao refletir sobre os efeitos da ausência das festas juninas neste contexto, surgiram alguns questionamentos. Quais foram às dinâmicas e transformações dos rituais festivos das quadrilhas juninas de Aracaju SE no contexto do Covid-19? O que foi realizado pela “Unidos em Asa Branca” durante o período sem apresentações? Como as mudanças dentro da quadrilha foram sentidas pelos quadrilheiros? Como os quadrilheiros deram sentido aos lugares de apresentação, que ficaram inacessíveis durante o isolamento social? Como aconteceu esse retorno pós-pandemia?

Considerando a centralidade dos rituais festivos na organização do tempo e na estruturação da dinâmica social, penso que essa pesquisa poderá contribuir de alguma forma para ampliar a nossa compreensão acerca da importância do São João e das quadrilhas juninas, além de refletir sobre os processos permanentes de reelaboração e ressignificação dos nossos ritos.

O encontro com o tema relacionado aos rituais festivos é fruto acumulado do meu envolvimento pessoal com as festas juninas e, sobretudo, de minha vida de quadrilheira. Essas vivências no mundo junino durante duas décadas me proporcionaram uma série de experiências. Foram nos ensaios que construí amizades e de onde eu trago lembranças maravilhosas. Bem como as viagens que por horas e horas dentro do ônibus, compartilhado alegrias e colecionado memórias. O mundo junino me proporcionou experiências únicas. Dancei em algumas quadrilhas como a quadrilha junina “Abusados da Roça”, “Pioneiros da Roça”, “Meu Xodó”, “Coração Nordestino” e, por último e não menos importante, a “Unidos em Asa Branca” (UAB).

Mesmo sabendo da existência e importâncias das outras quadrilhas, a escolha de integrar a UAB decorre de uma estratégia metodológica. Primeiro, estar lá facilitaria a comunicação com os quadrilheiros, ou seja, essa escolha foi pensada em razão da facilidade de acesso ao campo. Pensei inúmeras vezes em não dançar, no primeiro momento somente observar e acompanhar os meus amigos quadrilheiros nos ensaios e apresentações. Essa decisão não seria possível, primeiro por conta de minha paixão pela dança e pelas quadrilhas juninas, outro ponto a ser ressaltado, é que faltavam damas nesta quadrilha e os cavalheiros ofereciam até mesmo a ajuda financeira para

comprar o vestido, que costuma ser duas vezes mais caro do que a dos cavalheiros.

Por conta da Pandemia da Covid-19, no entanto, a metodologia da pesquisa passou por alguns ajustes. No primeiro momento, quando as festas juninas passaram a ser proibidas e os eventos realizados pelo movimento junino se intensificaram no ambiente virtual, coletei os dados das ações desenvolvidas pela quadrilha de forma remota. No segundo momento, houve o levantamento bibliográfico documental sobre ritual, quadrilha junina e festas na pandemia. No terceiro momento, utilizei a minha experiência como quadrilheira e em campo que teve início em 2022 no mês de fevereiro até julho do mesmo ano, iniciei a pesquisa de forma presencial e como componente e pesquisadora participante dos ensaios e reuniões junto da quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”.

Antes de ir a campo, adotei as seguintes estratégias, de acordo com a realidade coletiva e as ferramentas disponíveis naquele momento: rastrear eventos online realizados pela “Unidos em Asa Branca” e acompanhar as informações disponibilizadas pela direção e equipe de trabalho, grupo restrito a alguns quadrilheiros. Informações como e onde os eventos on-line iriam acontecer, temas, quantidade de participantes, ações desenvolvidas pela direção, projetos para um futuro retorno. Isso foi possível pela minha proximidade com os amigos quadrilheiros/as. Algumas informações foram coletadas pelo *WhatsApp*, e pela agenda da quadrilha disponibilizada no *Instagram*. Mesmo sabendo das limitações das informações coletadas, foram os caminhos que percorri no primeiro momento da pesquisa.

Nas palavras de Goldenberg (2004) o pesquisador deve estar preparado para lidar com grandes variedades de problemas teóricos e com as descobertas inesperadas, e, também, para reinventar seu estudo. É muito frequente que surjam novos problemas que não foram previstos no início da pesquisa e que se tornaram mais relevantes do que as questões iniciais.

Dessa forma, como estratégia no segundo momento de realização da observação participante junto à quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”, nos

ensaios e reuniões do grupo. Essa observação parte da noção de que o trabalho etnográfico para ser interpretativo necessita de uma análise detalhada do contexto em que o nativo está inserido. Além disso, entrevistas e conversa informais foram realizadas com objetivo de compreender as experiências dos quadrilheiros em relação à ausência das festas em seu formato mais tradicional no contexto de pandemia.

É importante salientar que, a faixa-etária dos componentes da Unidos em Asa Branca é de 15 a 50 anos. Dessa forma, busquei contato com o grupo mais jovem e os mais experientes, uma vez que, a percepção e as experiências em torno da ausência da festa foram sentidas de forma diferenciada, de acordo com a idade de cada indivíduo, que mesmo participando do mesmo grupo junino, as realidades individuais e coletivas são diferenciadas.

Partindo do pressuposto de que é necessário entender as realidades e experiências individuais pós-pandemia, e de como as ausências dos rituais foram sentidas pelo grupo, na condição de nativa e pesquisadora tenho o intuito também de estabelecer um estranhamento de algo que para mim é familiar, seguindo o método científico para captar os sentidos atribuídos às festas juninas e as quadrilhas.

Para Miriam Goldenberg (2004) o método científico é a observação sistemática dos fenômenos da realidade através de uma sucessão de passos, orientados por conhecimento teóricos buscando explicar a causa desse fenômeno, suas correlações e aspectos não revelados.

Debruço no entendimento de que, o campo não é somente a minha experiência pessoal. É necessária uma combinação intelectual, que são processos que se comunicam favorecendo no entendimento do objeto da pesquisa e o contexto que está inserido, relacionando os conceitos e caminhos.

Dessa forma, para analisar as dinâmicas e transformações em torno dos rituais festivos das quadrilhas juninas de Aracaju- SE no contexto da pandemia de Covid19, a estrutura desta dissertação está dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo tem o objetivo de discorrer sobre a temática dos rituais festivos, os estudos antropológicos sobre quadrilhas juninas e uma breve contextualização da Pandemia de Covid-19 e as festas nesse contexto.

No segundo capítulo, com o tema “apagar das luzes no contexto de pandemia de Covid 19” reinvenções criativas da quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”, procuro fazer um levantamento das ações que foram realizadas pela quadrilha junina Unidos em Asa Branca, entender como as modificações em torno das festas juninas influenciaram nas atividades da quadrilha, bem como, compreender os sentidos da ausência e das relações de sociabilidades em seus formatos mais tradicionais para os quadrilheiros e quadrilheiras. Além de elaborar uma análise em torno das memórias da festa.

No terceiro capítulo, procuro discutir o retorno aos arraiais da quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”, após o fim das restrições impostas por conta da pandemia e, com isso, analisar a importância dos rituais festivos para os quadrilheiros, além de relacionar as fases do ritual proposta por Van Gennep com o tema da quadrilha junina Unidos em Asa Branca 2022. Com isso, espero que esse estudo possa contribuir para um maior entendimento em torno da importância dos rituais festivos em nossas vidas e sobre os processos sempre ricos e complexos de reelaboração das dinâmicas festivas no campo das quadrilhas juninas.

1. RITUAIS FESTIVOS, QUADRILHAS JUNINAS E A PANDEMIA DA COVID-19.

Aqui, tenho como objetivo trazer inicialmente a contribuição de alguns autores que nos ajudaram a compreender teoricamente aspectos relevantes em torno do tema dos rituais, como Durkheim (1996), Van Gennep (2018), Turner (2013), Da Matta (1997) Cavalcanti e Gonçalves (2010), Peirano (2003), dentre outros. Logo em seguida, discorro sobre quadrilhas juninas e uma breve contextualização da Pandemia de Covid-19 e as festas nesse contexto.

1.1 Rituais festivos: porta de entrada para compreensão da vida social.

O tema dos rituais nos leva inevitavelmente a compreender aspectos da dimensão simbólica de nossas vidas. Emile Durkheim (1996), por exemplo, ao estudar as formas elementares da vida religiosa, afirma que a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas. Dentro desse contexto religioso Durkheim afirma que os ritos são maneiras de agir que surgem no interior de grupos e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais dos seus membros.

Durkheim (1996) ressalta que estas realidades coletivas são constantemente reforçadas a partir da periodicidade dos ritos. Para ele, as divisões em dias, semanas, meses e anos, correspondem ao ciclo periódico dos ritos, das festas, das cerimônias públicas. Em outras palavras, o calendário exprime o ritmo da atividade coletiva, ao mesmo tempo em que assegura a sua regularidade.

Os ritos, portanto, na sua realização, organizam a noção de tempo e espaço, além disso, nos tornam conscientes da nossa realidade, reforçando laços sociais e nos ajudam a nos criar e recriar conscientemente enquanto sociedade. Sua regularidade anualmente reforça a importância de manter as memórias e tradições.

Dentro das Ciências Sociais, o seu estudo é relevante e esclarecedor diante das pluralidades e realidades coletivas. Para Durkheim, em outras palavras, as nossas noções de "tempo" e "espaço" são "categorias de entendimento" da nossa realidade e estão fundamentadas em representações coletivas, que são constantemente elaboradas e reforçadas a partir dos ritos (Cardoso de Oliveira, 1993; Durkheim, 1996).

Outro autor importante para compreensão teórica em torno dos rituais é Arnold Van Gennep (2018). Ao apresentar o livro "Os Ritos de Passagem", Roberto Da Matta (2018) destaca, que Van Gennep foi o primeiro a tomar o rito um fenômeno a ser estudado em um espaço independente, isto é, como um objeto dotado de autonomia relativa, em termos de domínios do mundo social, e não mais como um tema secundário a outros estudos.

O autor defende a ideia de que a vida individual, em qualquer sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra, de uma ocupação à outra. Nas sociedades nas quais existem divisões etárias marcadas por rituais, estes são compostos por atos especiais. Para Van Gennep (2018), os rituais marcam a passagem entre as divisões estabelecidas socialmente. A partir das fases de "separação", "liminaridade" e "reagregação" confere-se um sentido especial às etapas da vida. Em outras palavras, o curso da vida passa a adquirir sentido a partir dos rituais.

Victor Turner (2013), antropólogo britânico, dedicou-se também ao estudo sobre os ritos em geral e sobre a eficácia dos símbolos nos processos rituais. Seus estudos tornaram-se referências fundamentais não apenas para antropólogos, mas para as Ciências Sociais e Humanas em geral. Turner desenvolveu um trabalho etnográfico junto aos Ndembu, população bantu situada na África central, enfatizando as noções drama social e performance, trazendo relatos descritivos dos aspectos do ritual e análises teóricas do simbolismo.

Seguindo as ideias de Van Gennep, Victor Turner (2013) destaca que, em todas as sociedades existem uma série de cerimônias ou rituais destinados a marcar a transição de uma fase da vida ou do status social para outra. Conforme Victor Turner (2005; 2013) dentre as três fases dos ritos de

passagem, “separação”, “liminaridade”, “reagregação”, a fase liminar é a mais importante do ponto de vista analítico.

É nesta fase quando “aconteceria a importantíssima confrontação das normas cotidianas mediante atos socialmente subversivos e ritualmente inversivos” (Abrahams, 2013, p. 10). Como observa Da Matta (1997), nesta fase dos rituais, observam-se os conflitos, as ambiguidades e os dilemas, mas também as potencialidades, as alternativas e as utopias de um outro mundo possível.

Conforme Mariza Peirano (2003), em qualquer tempo ou lugar, a vida social é marcada por rituais, como uma forma de comunicação simbólica. De acordo com a autora, os rituais dentre outros aspectos transmitem valores, resolvem conflitos e reforçam as relações sociais.

Para ela, a vida social é marcada por rituais. A autora enfatiza ainda que é necessário evitar uma definição teórica rígida e absoluta em relação aos rituais. O ritual precisa ser etnografado e apreendido pelo pesquisador em campo e junto com o grupo que o observa. Sugere que “a natureza dos eventos rituais não está em questão, eles podem ser profanos, religiosos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados” (Peirano, 2003, p. 8). Interessa que eles tenham uma “forma específica um certo grau de convencionalidade, de redundância que combinam palavras e outras ações” (Peirano, 2003, p. 8).

Estabelecer uma definição etnográfica com critérios da nossa cultura com definições antecipadas do ritual e de qualquer outro fenômeno só tende ao empobrecimento se não coincidem com nossos valores explícitos (Peirano, 2003, p.8).

No contexto brasileiro, ao tratar da festa como ritual, a autora destaca o trabalho de Roberto Da Matta (1997) “Carnavais, Malandros e Heróis”. O referido autor procura realizar um exame da sociedade brasileira a partir do que acontece em rituais festivos, o Carnaval, as procissões e as paradas militares.

A partir disso, Da Matta busca explicitar valores, atitudes e ideias e tenta entender “o que faz do Brasil, Brasil”. Como observam Da Matta (1997) e Peirano (2003), o estudo sobre rituais carnavalescos não são fins em si mesmos, mas uma porta de entrada para compreensão da vida social e que

por meio de festas como o Carnaval é possível compreender parte das ambiguidades e dilemas que permeiam a nossa sociedade (Da Matta, 1997). Dessa forma, a etnografia utilizada pelo autor, destaca valores da sociedade brasileira e revelam a importância das manifestações festivas para entender os comportamentos sociais.

A compreensão dos chamados rituais festivos é também objeto de interesse de outros autores e autoras, como Maria Laura Cavalcanti e José Reginaldo S. Gonçalves (2010). Ao abordar as festas, os autores enfatizam a sua capacidade de resistência no tempo.

Para Cavalcanti e Gonçalves (2010), os rituais marcam valores, dimensão religiosa e simbólica, além da passagem de datas especiais no tempo coletivo, ocupando um papel central na organização do tempo e na dinâmica das nossas vidas. Em suas palavras “são mediadores sensíveis entre passado, presente e futuro” (Cavalcanti; Gonçalves, 2010, p. 259).

De acordo esses autores:

Nada mais concreto e sensível do que um evento festivo a desenrolar-se necessariamente no espaço e no tempo. A natureza cíclica e simbólica das festas e seu apelo aos sentidos humanos estão na base de sua notável dimensão estética e de sua capacidade de resistência à usura do tempo. A plasticidade e a multiplicidade de seus meios de expressão tornam-se particularmente adequadas à expressão da história, dos valores, dos conflitos e da dinâmica social dos grupos humanos (Cavalcanti e Gonçalves, 2010, p. 259).

Ainda conforme Cavalcanti e Sá Gonçalves (2021):

A celebração das festas em sua data crítica implica encontros que inter-relacionam dezenas e milhares de pessoas. Em suas diferentes escalas, das menores e mais familiares às mais grandiosas, as festas ocupam casas, quintais, terreiros, praças, sambódromo, bumbódromo, e requerem trânsito entre cidades e mesmo países[...] Seu preparo envolve ofício diverso, vários empregos, e sustento de muitos grupos e pessoas que trazem comidas, músicas e danças características.” (Cavalcanti e Sá Gonçalves, 2021, p.17).

Analisar os sentidos dos rituais e os significados dos ritos festivos como eventos que organizam as nossas vidas parece importante justamente para a

compreensão da ausência, ou, ao menos, da impossibilidade da realização das festas em seu formato mais tradicional, como vivenciamos no período mais duro da Pandemia da Covid-19. Considerando a centralidade das festas como forma de nos orientar em termos de tempo e espaço, destacar as nossas ambiguidades e utopias, de dar sentido, forma e cor às nossas vidas, o que significou (ou como foi ressignificada) a ausência das festas juninas para os quadrilheiros e quadrilheiras no período mais duro da Pandemia da Covid-19.

1.2 Quadrilhas juninas e a “Unidos em Asa Branca”: alguns apontamentos.

Para compreendermos os sentidos das quadrilhas juninas, como parte dos rituais festivos, para os seus participantes, bem como para entender o que representou a ausência da festa durante a Pandemia da Covid-19, é necessário, inicialmente, trazer alguns breves apontamentos sobre o que se entende por “quadrilhas juninas” e chamar atenção para alguns aspectos importantes em torno da Quadrilha Junina “Unidos em Asa Branca no contexto sergipano.

Rosa Maria Zamith (2017) ao realizar o estudo sobre quadrilha na cidade do Rio de Janeiro contribui para o entendimento dos aspectos históricos, coreográficos e musicais presentes na dança da quadrilha junina, enfatizando sua importância como forma de lazer e sociabilidade, bem como, suas relações com o sagrado. Para a autora, ao longo do tempo, a dança da quadrilha junina configura-se como forma de lazer, um importante veículo de comunicação que é parte integrante de um rito e está em contínuo processo de mutação, seguindo as transformações sociais no qual estão inseridas.

Dentro desse contexto a autora destaca:

A quadrilha é uma dança de longa existência, havendo dela registros perpassando séculos com variações em tempo e espaço. Resultado da união de elementos de danças europeias que se amalgamaram no decorrer do tempo especialmente modalidades de contradanças que se uniram pouco a pouco e não pararam de se transformar, ela chega ao Brasil possivelmente no segundo quartel do século 19, como uma das marcas das tradições francesas na cultura brasileira, e tem

grande destaque no repertório dos bailes da sociedade fluminense (Zathmi, 2017, p. 114).

Segundo Luciana Chianca (2007), a quadrilha junina tem sua origem associada a uma contradança de mesmo nome trazida ao Brasil pela Corte Imperial Portuguesa. Esta dança teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada. A autora, ao refletir sobre as festas de São João, trata ainda de sua migração do campo para a cidade. Suas pesquisas e debates contribuem para entendermos as mudanças em torno das festas juninas e a importância da dança na festa para os seus participantes na contemporaneidade.

Nas palavras da autora:

Tal como é realizada hoje em muitas cidades do Nordeste do Brasil, essa festa que já foi correntemente associada ao autêntico folclore brasileiro num discurso romântico identificado algures (Ortiz, 1992) é festa popular e também política, econômica e midiática. A “festa de São João” é, na perspectiva de nossa análise, uma possibilidade de acesso à complexidade social na qual ela se inscreve (Chianca, 2007, p. 45).

A autora aponta que as festas de São João e as quadrilhas juninas, ao tempo em que, por vezes, fazem reviver memórias individuais e coletivas dos migrantes nas cidades, estão também, cada vez mais, associadas a dimensões indenitárias, políticas sociais e econômicas. Essas dimensões se atualizam e se ressignificam nas diversas formas de expressão das quadrilhas, através das performances artísticas e festividades contemporâneas.

Além disso, conforme Chianca (2007b), o São João é uma festa de “devoção e diversão”. De acordo com a autora:

[...] o São João é uma festa coletiva na qual uma comunidade estreita sua identidade através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento. A dimensão e a extensão da rede social é o que garante o sucesso da festa. Esse aspecto grupal e indenitário é o elemento que permite que essa festa seja considerada por muitos migrantes residentes nas grandes cidades como a ocasião para um retorno às suas localidades de origem. (Chianca, 2007, p.51).

Dentro desse contexto, e pensando nas mudanças e questionamentos em torno de discussões entre o “tradicional” e o “moderno”, o antropólogo e

quadrilheiro Hugo Menezes Neto (2008), em sua dissertação de mestrado, dedicou-se especificamente a compreensão dos embates simbólicos que se formam a partir do agenciamento da ideia de “tradição” pelos quadrilheiros.

Menezes Neto (2008) analisa a importância das quadrilhas juninas em suas comunidades em que as fronteiras entre tradição e modernidade estão borradas, a partir da permanente atualização de uma expressão cultural. Seu estudo, que resultou no livro “O balancê no Arraiá da capital” (Menezes Neto, 2009), contribuiu, além disso, para o entendimento sobre mudanças das quadrilhas juninas dentro das dinâmicas sociais e para a compreensão das disputas agonísticas, destacando as formas de dançar quadrilha dentro dos concursos¹ e dos grandes espetáculos que passaram a fazer parte da dinâmica da festa.

Em Sergipe, Liana Matos Araújo (2015), procura compreender como ocorre a construção social da ideia de juventude no seio das quadrilhas juninas. Com isso, procura analisar também processos indenitários, estilos de vida e sociabilidades existentes entre os quadrilheiros em meio a um contexto de consumo cultural. Dentre outros aspectos, a autora busca compreender como os quadrilheiros e quadrilheiras consomem e produzem cultura local, como são as experiências e sociabilidade, como são tratadas as questões de gênero e sua relação com a noção juventude e com sua própria geração.

Araújo (2015) destaca em seus estudos que, em Aracaju, as quadrilhas juninas passaram por um processo de reconfiguração na sociedade sergipana. Ao longo dos anos 80, ela deixa de ser uma expressão cultural comunitária e passa a ser consumida como produto cultural, na medida em que se criam concursos com premiações. A partir dessas mudanças, a autora procura

¹ Os concursos de quadrilhas juninas do estado de Sergipe são realizados na capital e interior, e são promovidos tanto pelas iniciativas públicas e privadas (prefeituras e estados). Concursos como levanta poeira promovida pela TV Sergipe afiliada da Rede Globo que escolhe a representante do Estado no concurso de quadrilhas juninas do Nordeste, com iniciativa privada em parceria com a FEQUAJUSE Federação de quadrilhas juninas de Sergipe. O Concurso Arrasta Pé promovido pela TV Atalaia afiliada à Record TV iniciativa privada com parceria com LINQUAJUSE liga de quadrilhas de Aracaju e Sergipe na maioria das vezes esse concurso é realizado no complexo Gonzagão. O concurso da Rua São João, realizado no quadrilhomio é organizado pela comunidade, é promovido pela prefeitura com parceria com a LINQUAJUSE E FEQUAJUSE. No Centro de Criatividade ou chamada Arranca Unha, organizado pelo governo de Sergipe em parceria com a Secretária da Cultura, esse concurso visa premiar a quadrilha com características tradicionais e regionais. Como referência, Araújo (2015).

compreender as relações de poder e sociabilidades dos jovens que fazem parte deste universo.

É importante salientar que existe uma multiplicidade de representações em torno das quadrilhas juninas no estado de Sergipe. A antropóloga Eufrazia Cristina Menezes dos Santos (2022), por exemplo, em sua obra “Os Múltiplos olhares sobre o São João de Sergipe”, aborda por meio de relatos, de entrevistas e outras referências, as diferentes percepções sobre o São João de Sergipe.

A obra é composta por nove textos de estudiosos que reúne análises que percorrem e exploram por diferentes caminhos o universo da cultura festiva de Sergipe. A autora destaca que,

[...] no que tange às quadrilhas juninas, a modernização das festas juninas implicou mudanças significativas no traje típico, no repertório musical, coreográfico, e estético, na conversão de gênero e no abandono do estereótipo do tabaréu ou caipira (Santos, 2021, p.5).

Na mesma obra, Eufrazia Cristina Menezes Santos e Rebecca Aimée Massanetto Ribeiro (2022) enfatizam que, o processo de modernização da festa junina transfigurou e ressignificou os seus rituais e toda sua simbologia com base nos valores urbanos.

De acordo com as autoras, estas modificações visam em parte, atender às exigências mercadológica e turística do setor privado, provocando uma redefinição da quadrilha, cujo sentido vai se transformando cada vez mais em atração e produto a ser oferecido aos turistas (Santos e Ribeiro, 2022, p.107).

Dentro do contexto festivo em Sergipe é notório que as quadrilhas juninas constantemente se transformam e se redefinem, aderindo o processo de modernização e mudanças. Esse período festivo é tão importante que o Estado se torna um grande Arraial, com destaque para a capital Aracaju. Os festejos passam pelo Forró Caju, realizado na Praça de Eventos Hilton Lopes, entre os mercados centrais, com shows de cantores locais e nacionais, bem como na orla de Atalaia, com a famosa Vila do Forró, com apresentação de cantores

regionais, grupos de pífanos, samba de coco, trios-pé-de serra e as famosas quadrilhas juninas.

Por outro lado, o São João de Sergipe tem características que remetem a uma dimensão possivelmente mais comunitária, com celebração nas quermesses paroquiais, muito forró na porta das casas, além das fogueiras acesas na véspera do São João e dos fogos de artifícios, com ênfase na culinária, que tem o milho como protagonista. É notório que as festas juninas têm grande importância para os sergipanos, seja nas casas, escolas, repartições públicas, nos grandes espetáculos presentes nos shows e concursos de quadrilhas juninas.

Outro ponto a ser ressaltado em relação ao São João sergipano são os locais que acontecem os concursos de quadrilhas juninas como o quadrilhedromo da Rua São João, Centro de Criatividade e Gonzagão, que reúnem a comunidade de quadrilheiros, com objetivo dançar e apresentar o trabalho preparado durante meses.

É importante frisar que as histórias das quadrilhas juninas de Aracaju estão entrelaçadas a esses lugares de apresentação com destaque o quadrilhedromo da Rua São João², Centro de Criatividade, e o Gonzagão, uma vez que, foram nesses “lugares de memória”, como chama Pierre Nora (2013), que as quadrilhas juninas construíram parte de suas histórias e deram os primeiros passos no cenário cultural sergipano.

Nesse sentido, esses lugares são espaços de encontro e sociabilidade, considerados arenas das quadrilhas juninas de Sergipe, em Aracaju existe uma grande preparação na realização dos famosos concursos de quadrilhas juninas, essa preparação se estende à comunidade, e como um lugar público de memórias assume um valor simbólico.

² No início todos os moradores iam para novena que durante o mês de junho era rezada na casa de duas velhinhas que moravam no sítio na região chamada “Matinha dos Caboclos” [...] A Rua São João nos de 1910 não tinha calçamento e as casas eram de palha, sendo que seus moradores pessoas humildes na sua grande maioria. Encravada na ladeira do bairro Santo Antônio, a rua recebeu o nome de São João justamente pela presença do louvor ao santo que através das novenas e procissões se fazia no período junino. No início dos festejos da Rua São João não havia quadrilhas. Na verdade os blocos ou liras é que acompanhavam a procissão. Depois era o povo mesmo, brincando livre, coco de pareia, roda. Alencar (Ano 1994. p, 93).

Em entrevista com André Santana, quadrilheiro da Unidos em Asa Branca, relatou a importância da Rua São na sua vida.

Fig. 1- Quadrilheiro André Santana, apresentação no quadrilhedromo da Rua São João.



Fonte: André Santana (2018).

Não trago em minhas memórias a Rua São João sem um palanque coberto. Mas já ouvi relatos, positivos e negativos, de um passado sem essa estrutura. Minha experiência parte da concepção deste ambiente já pronto, edificado. E confesso que foi e é uma experiência tocante.

É muito gratificante perceber aquela construção como um lugar de memória das quadrilhas juninas. Quantas gerações dançaram naquele tablado? Quanto investimento em cultura é aplicado anualmente para que se mantenha viva a chama dos festejos juninos? Ao redor desse lugar, diversos serviços são movimentados: decoração, alimentação, locação de equipamentos etc. Além desses, e não menos importante, movimenta-se afeto, lembranças, sensações como: ansiedade, emoção, angústia e alegrias. Lugar de memória!" [Entrevista: Com André Santana quadrilha junina "Unidos em Asa Branca" 08/03/2022]

A experiência de dançar no quadrilhedromo da Rua São João é única, por ser um lugar de memória e tradição, além disso, todo o processo preparatório, presentes nos ensaios, escolha do tema, escolhas de casais destaques, confecção dos trajes, maquiagem, marketing, criam uma grande expectativa em torno dos concursos realizados nesses locais, a exemplo do

Centro de Criatividade, outro local importante, conhecido como “arranca unha” fundado em 10 de maio de 1985.

O local abrigava a antiga caixa d’água da cidade, onde funcionavam os depósitos de água da região, que já estava abandonado quando surgiu a ideia de transformá-lo no Centro de Criatividade.

Segundo Risia Rodrigues Silva Monteiro (2021) a implementação do Centro de Criatividade em 1985 teve a participação da professora Aglaé Fontes, que o dirigiu por três gestões, voltadas para a formação de professores de artes e nas duas primeiras administrações criou grupos de teatro, escreveu livros e peças, sua contribuição, sendo assim, importante na formação da arte educadora em Sergipe.

Como pesquisadora da cultura popular sergipana, como fala Monteiro Aglaé, contribuiu para que o Centro de Criatividade³ se tornasse não só centro de formação para professores, mas um espaço de divulgação da arte sergipana, com apresentações de grupos folclóricos, peças teatrais, quadrilhas juninas entre outros.

No período de 2003 a 2006, Aglaé Fontes retornou à direção do Centro de Criatividade quando João Alves Filho foi eleito, mais uma vez, governador do estado de Sergipe. Dessa terceira gestão da professora no Centro, pode-se destacar a remontagem, em 2005, da Ópera do Milho, um espetáculo que reuniu cerca de 100 participantes, entre atores, bailarinos, músicos, figurinistas, costureiras, quadrilha junina e pessoal técnico. O musical foi inserido na programação dos festejos juninos de Sergipe, sendo encenado, inicialmente, na concha Acústica do Centro de Criatividade (Monteiro, 2021, p.240).

Com a implementação e o uso da concha acústica para apresentação de diversos grupos folclóricos, em especial as quadrilhas juninas, tornaram-se

³ O Centro de Criatividade surgiu como uma unidade da secretaria de Estado da Cultura, a princípio o centro tinha uma função de espaço de arte e educação, voltado para formação de professores relacionados a questões culturais sergipanas. A ideia de transformar o lugar em palco surgiu, a partir de uma proposta de oferecer à comunidade e à cidade um espaço que abrigasse diversificadas atividades culturais, ao longo dos anos. Com a implementação dos concursos de quadrilhas juninas, houve inúmeras mudanças, nas quais quadrilhas participantes tinham que atender as exigências imposta pela direção do evento era/é necessário presença de traços tradicionais, roupas caipira e referência a cultura sergipana. Referência: Monteiro (2021)

referências nos meses de festas juninas. Dessa forma, é com os concursos de quadrilhas juninas que o Centro de Criatividade se consolida como um dos melhores lugares do Estado, tornou-se local de encontro dos quadrilheiros, e referência no quando assunto é festas juninas.

Em entrevista com Adison Junior o quadrilheiro relata sua experiência e emoção de dançar no Centro de Criatividade.

O Centro de Criatividade é um dos melhores lugares para dançar e observar as quadrilhas juninas, dentre outros espetáculos. Nasci e me criei no [bairro] Cirurgia, pra mim sempre foi um local de diversão. Quando o locutor anunciava as quadrilhas, nos arrumamos rápido para ir ao “Quadrilhodromo”.

Das arquibancadas conseguimos ver os desenhos coreográficos, a encenação e os erros. Apesar de ser grande, o centro de criatividade já está pequeno. Lembro que em época de semifinal e final, as arquibancadas são pequenas para caber tanto de gente, sobrando o calçadão ou as laterais do espaço. A emoção toma conta quando descemos a escadaria em direção ao espaço. Amigos, familiares e críticos, falam conosco, dando boa sorte e torcendo para que tudo dê certo. Momentos antes de entrarmos, escutamos toda a torcida gritando o nome da quadrilha e cantando nossas músicas. O nervosismo e o choro tomam conta, bate aquela certeza de que fizemos a escolha certa. Durante o espetáculo, acertamos erramos mais sempre mantendo o sorriso, no final, apenas agradeço tudo que conseguir demonstrar e a recompensa são os aplausos do público que se rendeu a nossa quadrilha. [Entrevista: Com Adilson Junior, quadrilheiro da “Unidos em Asa Branca”, 08/04/2022].

Outro lugar de tradição e memória é o Complexo Cultural Gonzagão, inaugurado pelo governo do Estado de Sergipe em 1990, a Casa de Forró e Barracão Cultural recebeu o nome de ‘Gonzagão’ em homenagem ao consagrado cantor e compositor da música brasileira, Luiz Gonzaga. Em pouco tempo tornou-se ponto de atração cultural dos festejos juninos de Aracaju, e como palco de eventos que enaltece e divulga a cultura sergipana em destaque para as quadrilhas juninas.

O concurso de quadrilhas do Gonzagão é um evento de grande valor histórico para comunidade, que espera o ano todo por esse concurso. Esse ano a Funcap iniciou a restauração dos painéis representativos do folclore sergipano e também a revitalização da pintura externa do espaço. A casa está linda e pronta para receber a comunidade (Santana, citada em Infonet, 2019).

Em entrevista com Priscila Lenina, a quadrilheira relata que dançar no Gonzagão é contagiante, um local que é considerado o ponto de encontro de várias quadrilhas.

Dançar no complexo do Gonzagão vai muito além do que somente dançar quadrilha, é um acolhimento que se tem do lugar, do público, e de tudo que move o lugar. É um dos pontos de encontro de várias quadrilhas, ali se torna o Macarana das quadrilhas, ninguém quer ficar de fora, todos querem dançar. A emoção é contagiante, a torcida do público dá uma energia surreal. Lembro da época em que ainda era tablado, se ouvia o som da madeira, batia junto com a zabumba, era incrível [Entrevista: Com Priscila Lenina quadrilheira da “Unidos em Asa Branca” 08/03/2022].

De fato, esses lugares de apresentação parecem ter um sentido especial para os quadrilheiros e quadrilheiras, uma vez que, revelam memórias afetivas individuais e coletivas daqueles que tem o universo junino como trabalho, com lazer, ou simplesmente pela identificação por ser algo tão presente nas cidades e capitais nordestinas. Pierre Nora (1993) afirma que o lugar de memória é um lugar duplo, um lugar de excessos, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade e é recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a sua extensão e suas significações.

Esses lugares transmitem tradição, aprendizagem, cheios de memórias afetivas fazem parte do processo ativo e criativo das dinâmicas das relações sociais dos quadrilheiros.

Esses apontamentos, como mencionei, são importantes para que possamos compreender os múltiplos sentidos em torno das quadrilhas juninas, e a ausência da festa junina durante a Pandemia da Covid-19 para os integrantes da Quadrilha Junina “Unidos de Asa Branca”. Para tal efeito busquei também conhecer a história da UAB.

Nas palavras de Elói:

A Unidos em Asa Branca foi criada na década de 80, dentro do Conjunto habitacional Leite Neto, na capital Aracaju. Na época foi incentivado pelo grupo de mães que tinha como presidente Celsa Melo. Era um conjunto recente. A região estava se expandindo na zona Sul e não existia ainda movimento cultural específico. Foi através da igreja católica e construção da capela Santíssimo Sacramento, que realizava eventos com intuito de arrecadar fundos para igreja. Dessa forma, a quadrilha foi criada inicialmente com o

objetivo de divertir e animar as noites na quermesse. Antes de ser chamada de “Unidos em Asa Branca”, a quadrilha ainda teve três nomes, “Mete o Couro”, “Palha na Cana”, e “Êta Cheiro Bom”. Em 1986, numa homenagem a Luiz Gonzaga surgiu o nome “Unidos em Asa Branca” [Entrevista: Elói Filho, 12/12 /2022].

É importante frisar que, Elói Filho como um dos membros fundadores da quadrilha tem grande representatividade e referência quando o assunto é quadrilha junina em Sergipe, em especial a Unidos em Asa Branca.

Fig. 2 -Componentes da quadrilha Junina Unidos em Asa Branca em uma das suas primeiras apresentações.



Fonte: Foto Acervo de Elói Filho (1983).

Em 1991, ano em que o grupo elegeu a sua primeira diretoria, logo em 1994 a quadrilha foi campeã em um dos principais concursos do estado, o Concurso do Centro de Criatividade, realizado na concha Acústica, no bairro Cirurgia capital Aracaju. Desde então, a “Unidos em Asa Branca” vem participando de inúmeros concursos, tanto em nível estadual, como nacional [Entrevista: Borges, 2022].

Em suas apresentações fora do Estado, a “Unidos em Asa Branca” levou a tradição das quadrilhas sergipanas, preservando suas características, sem deixar de acompanhar as mudanças em torno das quadrilhas juninas modernas. Entre seus principais títulos conquistados pela “Unidos em Asa

Branca” estão o do Concurso da Rede Globo Nordeste⁴ em 2009; Vice-Campeã do Concurso da Rede Globo em 2011; Vice-campeã Brasileira em 2007 e 2014; e atual campeã estadual. Em 2022, foi vice-campeã do concurso do "Levanta a Poeira", organizado pela TV Sergipe.

Atualmente, a quadrilha junina “Unidos em Asa Branca” possui cerca de 100 integrantes. O grupo é constituído em sua maioria por um público bem diversificado, composta por- professores, atores, estudantes e trabalhadores de diversas áreas, com faixa etária de 15 a 50 anos, que residente em bairros da periferia de Aracaju e de cidades próximas à capital e que se encontram nos finais de semana para realizar os ensaios referentes a cada ano.

Nesse sentido, compreender o significado da ausência dos encontros de forma física nestes espaços e a impossibilidade de marcar a passagem do tempo a partir da festa e das quadrilhas juninas no contexto da pandemia são alguns dos desafios que procuro enfrentar nesta pesquisa. Para isso, é importante entender o que foi (ou o que é) a Pandemia da Covid-19 e os seus impactos em torno da dinâmica das festas.

1.3. A Pandemia de Covid-19

Segundo o Ministério da Saúde (2021) a Covid-19 é uma doença infecção respiratória, causada pelo vírus SARS-CoV-2, identificado pela primeira vez no final de 2019 na China e que se espalhou rapidamente por diversos países do mundo, em todos os continentes, em razão do seu altíssimo grau de contágio.

Como observaram Miriam Grossi, Rodrigo Toniol e Anne Lozano (2020) na série do Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus:

Os primeiros registros sobre o coronavírus na imprensa brasileira ocorreram no fim da primeira quinzena de janeiro de 2020. Em uma

⁴ Concurso da rede Globo Nordeste, é um evento realizado anualmente no mês de julho na região Nordeste do Brasil, onde participam quadrilhas juninas representantes de todos os Estados do Nordeste, ao todo são dez quadrilhas juninas, no estado que o evento é realizado tem o direito de duas representantes.

breve notícia publicada em 17/01/20, no jornal Folha de São Paulo, a realidade do contágio ainda era distante, descrita quase com displicência: “uma doença respiratória misteriosa que apareceu na China 1 está gerando preocupação [...] a segunda pessoa morreu, dezenas de pacientes continuam infectados e a Tailândia acaba de anunciar um segundo caso”. Em menos de 30 dias, os jornais já nos haviam familiarizado com a epidemia e iniciavam a espera pela inevitável chegada do vírus ao Brasil. No dia 17/03/20, exatamente dois meses após a notícia que mencionava o vírus misterioso, os jornais estampavam em suas manchetes o anúncio da morte da primeira brasileira por Covid-19 uma mulher de 57 anos, em São Paulo. No primeiro dia da publicação deste boletim, no domingo, 22 de março, o Brasil registrava 22 mortes confirmadas pelo vírus (Grossi, Toniol e Lozano, 2020, p.24).

Conforme descrito no Boletim, enquanto a Europa registrava centenas de mortes, o Brasil em março de 2020 anunciou a primeira morte por Covid-19. Seria o início de tempos dramáticos com as perdas, distanciamento social e incertezas quanto ao futuro.

Em Sergipe, segundo o Laboratório de Economia Aplicada e Desenvolvimento Social LEADER (2020), o primeiro caso de Covid 19 ocorreu no dia 5 de março de 2020. Em 16 de março o governo do estado publicou o decreto número 40.560 instituindo Situação de Emergência de Saúde Pública, decorrente da disseminação da Covid-19. No dia 02 de maio de 2020 Sergipe era o 23º, estado com maior número de casos e o 21º, estado com maior taxa de mortalidade (LEADER, 2020, p. 5).

Apesar dos números não terem sido tão expressivos, se eventualmente pudéssemos comparar a outras localidades do país, em função do tamanho e da densidade populacional do estado de Sergipe, não se pode dimensionar o impacto local da pandemia unicamente em termos meramente estatísticos. Além disso, no ano seguinte, a CNN Brasil (2021) noticiava que, em maio de 2021 o Brasil se tornou epicentro da pandemia de Covid-19 no mundo, com recordes de mortes e de casos, uma vez que, o baixo número de testes realizados apontava para um gigantesco elevado percentual de exames positivos, mostrando a disseminação sem controle da doença, constantemente alertados pelos especialistas.

Diante do grave problema de saúde pública, foram adotados protocolos sanitários preconizados no mundo todo pela Organização Mundial de Saúde, (OMS) e adotadas pelos estados para minimizar a transmissão do vírus e evitar internações e mortes, bem como uma super ocupação nos hospitais, em um momento em que ainda não existiam vacinas disponíveis. Nesse período dramático, ficar em casa e prevenir a contaminação e circulação do vírus eram a solução viável, uma vez que não havia vacinas ou outra forma para minimizar o contágio.

Dentro desse contexto, as ações de combate a Covid 19 incluíam evitar lugares com aglomerações de pessoas, higienização das mãos com frequência, e logo em seguida o uso de máscaras, foram medidas urgentes e necessárias para evitar a rápida disseminação do vírus. Os médicos, enfermeiros/as usaram as redes sociais para reforçar a importância do distanciamento social e com apelo orientavam para que as pessoas ficassem em casa.

Por outro lado, "Ficar em casa" foi duramente criticado pelo presidente do Brasil em exercício, Jair Messias Bolsonaro, que defendeu a normalização dos setores na sociedade, minimizou o contágio com constante negacionismo científico, ao promover tratamento precoce, sem evidências científicas. Lamentavelmente, o contexto de pandemia evidenciou a impotência do Estado diante da grave crise sanitária, bem como, a vulnerabilidade de diversos grupos da sociedade.

A omissão governamental diante do contexto pandêmico foi revelada pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI da COVID)⁵, que enfatizou a forma irresponsável do governo ao negligenciar as medidas impostas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ao atrasar o auxílio emergencial

⁵Comissão Parlamentar de Inquérito ou CPI é uma comissão temporária formada dentro do Poder Legislativo e que tem como propósito a investigação de más ações tomadas pelo Poder Executivo e sua Comissão Parlamentar de Inquérito ou CPI é uma comissão temporária formada dentro do Poder Legislativo e que tem como propósito a investigação de más ações tomadas pelo Poder Executivo e seu veja mais sobre "Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI)" em: <https://brasilecola.uol.com.br/politica/cpi.htm.s>."

benefício destinados aos trabalhadores informais (MEI), dificultar a compra de vacinas, e o constante negacionismo científico, além de não incentivar e promover campanhas de prevenção à doença.

Foi notório que, a pandemia foi vivenciada de forma dramática pelos brasileiros, a constatação imediata que pode ser feita é que, a pandemia trouxe consequências para toda esfera da sociedade, em um país com enormes problemas dentro da conjuntura política no enfrentamento ao vírus, bem como, os problemas de déficit de habitação e saneamento básico.

Além disso, como apontam Eunice Nakamura e Cristina Gonçalves Silva:

No caso da pandemia de Covid-19, os corpos são distintamente vulneráveis à infecção, ao acesso aos serviços de saúde, ao adoecimento e, portanto, à morte decorrente, entre outras coisas, da ausência de políticas públicas que exigem estratégias sanitárias articuladas a outras iniciativas para responder aos diversos aspectos implicados no necessário enfrentamento da pandemia. Ainda que o novo coronavírus venha se disseminando pela circulação e contato entre as pessoas nas cidades, estados e países, e que possa atingir indistintamente as diferentes classes sociais e ultrapassar, assim, as possíveis barreiras sanitárias, a desigualdade e a equidade são centrais para determinar a velocidade da contaminação (Nakamura e Silva, 2021, p.156).

A Fiocruz (2021) destaca ainda que as favelas, decorrentes da crônica desigualdade social e do déficit habitacional no Brasil, concentram características ambientais propícias à rápida propagação do coronavírus. Segundo o censo 2010, além da alta concentração de pessoas, a maioria das casas tem pouca iluminação natural (60,1%) e pouco espaço físico (67,1%). Esses territórios são marcados pelo fornecimento irregular de água, pela coleta de lixo deficiente e por esgoto a céu aberto. Nesse sentido, embora os primeiros casos da Covid tenham sido em outros países, atingiu fortemente as áreas periféricas no Brasil. Como destacaram Cavalcanti e Sá Gonçalves:

O ano de 2020 impôs afastamento físico e isolamento presencial como forma de minorar as graves consequências do assustador potencial de contágio do vírus SARS-Cov-2, cujo impacto em nossas vidas prossegue em 2021. A declaração oficial da pandemia da covid-19 pela Organização Mundial de Saúde ocorreu na quarta-feira 11 de março de 2020, duas semanas depois da Quarta-Feira de Cinzas, que encerrou a celebração ainda expansiva e presencial do carnaval daquele ano (Cavalcanti e Sá Gonçalves, 2021, p.8).

As medidas de isolamento social que foram preconizadas pelas autoridades sanitárias em todo o mundo, apesar de necessárias, passaram a ter impactos diferentes em cada localidade e nas diferentes dimensões de nossas vidas.

Rafael da Silva Noleto (2020) chama à atenção às ações propostas para minimizar os impactos nos setores culturais, quando fala:

Como resposta à pandemia, diversos estados têm lançado editais de apoio à cultura e financiando *lives* com artistas locais. Em contrapartida, no âmbito do governo federal, o ministério da cultura foi reduzido ao ministério do turismo, cuja gestão parece longe de propor medidas de auxílio a artistas em situação de vulnerabilidade econômica. Essa inclinação ideológica está alinhada à política federal de negação da ciência, e a tentativa de beneficiamento de setores econômicos ao estimular o relaxamento do isolamento em nome de um suposto retorno da economia (Noleto, 2020, p. 403).

Nesse sentido, com a impossibilidade de realização no seu formato tradicional, sem recursos e apoio, às celebrações festivas passaram a assumir caráter digital, com números reduzidos de participantes, dividindo a audiência com grandes cantores nacionais.

Segundo Cavalcanti e Sá Gonçalves (2021) a ampliação do uso de tais recursos não se realizou, de forma igualitária, revelando e acentuando importantes desigualdades quanto ao consumo e o acesso às plataformas virtuais, em que muitas atividades passaram a ser fortemente realizadas.

Nas palavras de João Leal 2021:

As festas acompanharam, assim, de formas muito diversas e criativas, uma das grandes transformações da economia e da sociedade no “novo regime pandêmico”, expressa exemplo na generalização do teletrabalho, no aumento significativo do comércio online ou no campo das artes na generalização de espetáculos, performances, concertos, exposições etc., também online. Essas tendências já vinham se manifestando, mas aceleraram-se significativamente no decurso da pandemia. Segundo a revista *The Economist*, durante o primeiro confinamento (entre março e junho de 2020), a transição digital fez em alguns meses um caminho que em condições normais faria em dez anos. (Leal, 2021, p.23).

Por outro lado, as *lives* festivas, financiadas ou não, e outras formas de reviver as festas juninas, foram úteis nesse momento tão difícil, tornaram-se um alento uma forma de arrecadar recursos e doações, além de possivelmente proporcionar entretenimento e celebração, em um período extremamente duro, em que os encontros presenciais não poderiam ser realizados e a festa não poderia acontecer em seu formato tradicional.

De fato, as festas juninas, como afirma João Leal (2020), são cheias de afetos e seguem um formato ritualístico, com práticas que fazem parte da tradição e envolvem dezenas de milhares de pessoas na sua preparação e realização, práticas impossíveis no ambiente virtual, por exemplo soltar fogos e acender fogueira entre outros.

É importante salientar que a fogueira é um dos mais expressivos símbolos das festividades desse período, no município de Aracaju essa tradição foi suspensa, como formas de evitar o agravamento de problemas respiratórios. A proibição⁶ de práticas tradicionais, como por exemplo, o uso das fogueiras em homenagem a São João foi um choque de realidade é um indício de toda reelaboração em torno das festas juninas naquele período.

⁶ Ver em: INFONET, Infectologistas alertam sobre a proibição de fogueira durante a pandemia. O que notícia em Sergipe, Aracaju Se 2021.

2. O APAGAR DAS LUZES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID 19: A REINVENÇÃO CRIATIVA DA QUADRILHA JUNINA UNIDOS EM ASA BRANCA

*Ai que saudades que eu sinto,
das noites de São João,
das noites tão brasileiras nas fogueiras,
sob o luar do sertão[...].
Meninos brincando de roda,
Velhos soltando balão,
Moços em volta à fogueira
brincando com o coração,
Eita São João dos meus sonhos,
Eita, saudoso sertão, ai, ai.
(Luiz Gonzaga, “Noites Brasileiras”, 1986).*

O segundo capítulo visa refletir o apagar das luzes no contexto da pandemia de Covid 19 e a reinvenção criativa da quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”. Neste capítulo procuro mostrar a expectativa e preparação para a festa e as relações de sociabilidades presentes nos ensaios em seus formatos mais tradicionais para os quadrilheiros e quadrilheiras. Além disso, busco fazer um levantamento das ações que foram realizadas pela quadrilha junina “Unidos em Asa Branca” e entender como as modificações em torno das festas juninas influenciaram nas atividades da quadrilha no contexto da pandemia.

2.1 Expectativas para a festa: Relação de sociabilidade presentes nos ensaios e algumas considerações.

Vale salientar que, como todo ritual, o rito festivo do São João começa muito antes do período junino propriamente dito. Em torno dessa preparação, existe uma grande expectativa, que envolve sentimentos, gastos e uma grande quantidade de pessoas empenhadas para que a festa aconteça.

De acordo com Roberto Da Matta na apresentação do livro, “Os ritos de passagem” de Van Gennep:

Van Gennep revela como era possível dar sentido a um conjunto enorme de materiais etnográficos relativos a várias áreas culturais do globo e, ainda, de civilizações do passado e do presente, tomando os rituais numa sequência. Em vez de privilegiar apenas o momento culminante do rito, como fazia seus contemporâneos, ele revela que o momento culminante nada mais é do que uma fase uma sequência que sistematicamente comporta outros momentos e movimentos. A interpretação de uma fase é sempre parcial e, por vezes, enganadora, mas o estudo do momento anterior e do momento

posterior é fundamental para o entendimento do ritual (Da Matta, 2018, p. 17).

Nesse sentido, o estudo do momento anterior e posterior é fundamental para o entendimento do ritual, que Van Gennep, (2018), baseado na sua experiência de campo, conforme mencionado anteriormente, desenvolve um modelo de ritos de passagem, envolvendo três momentos: o momento de separação, o momento liminar e o momento de reagregação.

Dessa forma, os movimentos que seguem uma sequência antes das apresentações, serão apresentados, uma vez que, é nessas fases anteriores que os laços sociais são reforçados e revela que o momento das apresentações é uma fase de sequências que segue um movimento criativo de grande expectativa à espera das festas, iniciada nos ensaios.

De fato, as expectativas e toda relação de sociabilidade presentes nos ensaios fazem parte das dinâmicas festas juninas. Essa preparação dividida em fases que exige esforço e dedicação dos participantes. No São João, participar de quadrilha junina é abdicar de muitas coisas, como praia, lazer em família, dentre outros aspectos. Os finais de semanas são voltados para os ensaios e o período do São João costuma ser voltado para as apresentações, com agendas lotadas.

É notório que vida de quadrilheiro é totalmente diferenciada, uma experiência única, cheia de conteúdos cognitivos e afetivos. Nesse sentido, para os participantes, os ensaios são parte importante no processo de construção criativa das quadrilhas juninas, estas atividades combinam momentos de diversão e uma pequena carga de estresse e tensão, na medida que se aproximam as festas juninas.

Geralmente os ensaios da “Unidos em Asa Branca” iniciam-se em novembro de cada ano, e são realizados aos sábados e domingos. No ano de 2019 os ensaios concentraram-se na quadra da Fundação Renascer, situado no Conjunto Médici, na capital Aracaju. Esta é uma instituição pública de

referência no atendimento à criança e adolescente, pautada em medidas protetivas e socioeducativas⁷.

Ao aproximarem-se das festas juninas, os ensaios passam a ser realizados em dias de semana, em lugares diferentes que estejam disponíveis e comportem o grupo. Embora cheios de cobranças, os ensaios proporcionam uma carga significativa de alegria; os encontros passam a ocorrer antes deles acontecerem. O pós-ensaio é uma forma de reforçar laços de amizade, além das datas comemorativas que ocorrem em determinados períodos, como aniversários, dia das mães, entre outras, são lembradas e comemoradas pelo grupo. Essa convivência desperta laços afetivos que seguirão até o São João e compartilhados nas apresentações.

Fig. 3 - Damas da Unidos em Asa Branca no ensaio comemorando o Dia Internacional da Mulher.



Fonte: Foto Marcos Borges (2020).

Geralmente no início e término de cada ensaio é feito um círculo. Nele o grupo realiza uma rápida oração e nessa rápida reflexão espera-se que os conflitos sejam sanados, com palavras de incentivo e orientação de como

⁷ Ações socioeducativa preventivas em favor da criança e adolescentes com medidas de proteção sócio com eficiência, eficácia e efetividade, garantindo os direitos previstos em lei e contribuindo para o retorno da criança e adolescente ao convívio familiar e comunitário como protagonista de sua história. Fonte <https://renascer.se.gov.br/>.

praticar uma boa convivência, logo em seguida o alongamento para iniciar os trabalhos.

Fig. 4 - Reflexão Pós-ensaio da quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”.



Fonte: Foto Marcos Borges (2019).

É importante frisar que os ensaios não se limitam aos finais de semana. Durante a semana, costumam ser realizadas as oficinas para tirar as dúvidas e repassar as “partes” da coreografia, como xote, xaxado, baião, marcha, entrada e saída. Embora com um número reduzido de quadrilheiros, é mais um momento de encontro, de partilha do cafezinho e do bolo. As coreografias repassadas anteriormente pela equipe de trabalho são compostas por cinco casais que se reúnem durante a semana, antes de passar para o restante do grupo no final de semana.

Fica a cargo da direção procurar lugares de ensaio, que precisam atender algumas exigências, como disponibilidades nos finais de semana, autorização de todos os responsáveis, estrutura que comporte todos os componentes, dentre outros. Além disso, cabe a direção da quadrilha conscientizar os componentes a zelar pelo espaço e ter convivência harmoniosa, tendo em vista que os ensaios geralmente duram quatro horas, o que requer muita paciência e disciplina e disposição.

Aos visitantes amigos dos componentes ou familiares é exigido o mesmo comprometimento. Algumas regras são impostas pela direção como,

por exemplo, não filmar, nem tirar fotos quando a quadrilha estiver ensaiando, dentre outras regras. Além disso, o acesso aos componentes de outra quadrilha costuma ser proibido.

É importante frisar que essas regras são impostas por motivo de sigilo do tema, das partes coreográficas que não podem ser vazadas, revelando toda criatividade e trabalhos desenvolvidos que podem ser comprometidos se forem plagiados, além disso, a surpresa é um fator importante nesse processo.

Dessa forma, a segurança nos últimos ensaios é reforçada e próximos ao São João, somente componentes e direção podem participar, uma vez que, os ajustes finais da coreografia começam a ser colocados, como entrada e saída do Arraiá, encaixe do xote, do xaxado, baião e casamento. As apresentações duram trinta minutos e devem conter obrigatoriamente esses itens para quem participa dos concursos. Nos ensaios, resolvem-se conflitos, criam-se laços e revelam pessoas que criam e recriam condições mais diversas de expressar sua arte.

Fig. 5 Reunião antes do ensaio



Fonte: Foto retirada do instagram da quadrilha junina Unidos em Asa Branca (2019).

É também nos ensaios que os quadrilheiros ficam maior parte tempo, muitas vezes essa convivência é conflituosa, a exemplo da montagem

coreográfica, que demanda horas e horas para que possa ser ajustada, repetindo inúmeras vezes e independente do condicionamento físico ou estrutura corporal, todos precisam aprender e acompanhar com harmonia, o que nem sempre é possível no início. Dessa forma, os ensaios passam a serem praticados de forma exaustiva.

Aqueles com maiores dificuldades são retirados da quadrilha, convidados a fazer parte do grupo de apoio. Essa retirada consta nos direitos e deveres dos quadrilheiros no parágrafo 6.1 do estatuto da quadrilha, em que os quadrilheiros serão avaliados pela diretoria, essas informações são repassadas antes dos ensaios e reforçadas ao longo dos ensaios.

Quem entrar na “Unidos em Asa Branca”, embora tenha pagado uma taxa de inscrição e mensalidade, sabe que não há garantias de permanência no grupo. Essa participação pode ser interrompida quando o quadrilheiro não atende às exigências da direção, pontualidade, participação dos eventos da quadrilha, disciplina, e condições técnicas, além do uso correto dos trajes, do padrão de maquiagem da dama, e outros detalhes.

Por outro lado, é nos ensaios que se desenvolvem as amizades, namoros, casamentos e as alegrias de poder compartilhar sentimentos como felicidade, satisfação, realização e muitas vezes superação. As relações criativas de sociabilidades presentes nos ensaios despertam experiências positivas que são compartilhadas pelo grupo nos arraiais durante os festejos juninos.

Nesse sentido, como ocorre todos os anos, a preparação e os ensaios para o São João que se esperava que ocorresse em 2020, iniciaram-se em novembro de 2019. Essas atividades vinham sendo realizadas pela “Unidos em Asa Branca”, até que a dinâmica em torno dos preparativos para a festa foi suspensa, dando lugar a um outro tempo, de incertezas e medo.

O apagar das luzes provocado pela pandemia trouxe um período de dúvidas, de espera e de necessidade de reinvenção da dinâmica das quadrilhas. De fato, assim como as fogueiras que marcam o tempo da festa e que, mais à frente iriam ser proibidas, a falta de perspectiva em relação à

realização das festas juninas, cedeu lugar às ausências, retirando as relações de sociabilidade nos ensaios e apresentações, sentimos a ausência das cores, das luzes, do fogo da tradicional fogueira, das danças ritmadas, bem como dos inúmeros sentidos muito particulares que cada um atribui à festa e a participar como brincantes das quadrilhas juninas.

Lamentavelmente o período pandêmico influenciou nas atividades da quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”, logo no ano de 2020, quando o grupo se preparava para comemorar os 40 anos no cenário cultural sergipano. Por essa razão, inclusive, o grupo estava focado nos ensaios que antecederam a grande celebração. O São João de 2020 seria especial. Momentos importantes estavam sendo preparados, homenagens estavam sendo programadas visando todos aqueles que fizeram parte da história da quadrilha e destacando a importância da quadrilha dentro da cultura junina em Sergipe. Segundo a entrevista concedida a Saulo Hipólito para o site F5 News 2020:

O tema já estava definido e totalmente desenvolvido. Apenas a diretoria e o grupo de trabalho tinham conhecimento do tema, seria apresentado aos componentes o tema, o mapa da quadrilha (colocação de cada componente) e o piloto (traje modelo do primeiro casal) na semana que coincidiu com o início do isolamento. Esse ano estávamos bem adiantados, coreografias todas prontas, restando apenas partes chaves como entrada, casamento, saída, alguns momentos de efeito para abrilhantar ainda mais o nosso espetáculo. As coreografias e evoluções já estavam todas criadas, estávamos bem adiantados e confiantes [Entrevista de Walter componente da quadrilha junina Unidos em Asa Branca: retirada F5 News por Saulo Hipolito, 2020]

Fig. 6 - Logomarca dos quarenta anos da quadrilha junina Unidos em Asa Branca.



Fonte: Foto de Jorge Roberto (2020)

O trabalho de 2020 já estava definido, tudo pronto. No entanto seguindo os protocolos de segurança, os ensaios no ano de 2019 e apresentações de 2020 foram interrompidos, a quadrilha não comemoraria seus 40 anos. Os planos foram cancelados. Foi um período de recolhimento, reflexões, mudanças e adaptações.

De fato, as modificações em torno das festas juninas influenciaram as atividades da quadrilha “Unidos em Asa Branca”. Para minimizar os efeitos do contexto pandêmico e a “falta que a festa faz”, na reflexão brilhantemente proposta por Leal (2020), ao se referir aos impactos da Covid-19 na dinâmica dos rituais festivos, parte das atividades da quadrilha foi transferida e reinventada para ocorrer no ambiente virtual.

Assim como ocorreu em diversas partes do mundo, a partir daquilo que Noletto (2020) chamou de uma “pandemia de *lives*”, os diretores da quadrilha decidiram utilizar redes sociais e outros recursos da *Internet* para que o São João, de alguma forma, não deixasse de ser celebrado. Nesse contexto, foram realizados eventos como, o “Boteco da Unidos”, a exposição de trajes, *live* Um Novo Ciclo, clipe da música “Vem São João” entre outros.

As atividades e eventos realizados pela “Unidos em Asa Branca” durante o período de pandemia ficaram restritos à equipe dirigente e alguns componentes mais próximos. Isso foi necessário, uma vez que o isolamento social exigiu a redução de contato físico.

Uma série de modificações foram realizadas naquele contexto. Foi necessário, por exemplo, adotar os protocolos de segurança como o uso de máscaras e a constante higienização das mãos, com intuito de fazer a festa acontecer em um ambiente novo, o *online*.

Fig. 7- Reportagem para a TV Sergipe



Fonte: Foto retirada da reportagem TV Sergipe (2021).

Além disso, esse novo ambiente exigiu também um outro tipo de participação por parte dos quadrilheiros. Cabiam a eles movimentar as redes sociais da quadrilha, partilhar, curtir, comentar, envolver os componentes de alguma forma, com intuito de não perder o vínculo. As adaptações foram acontecendo na medida que a realidade do contexto pandêmico afastava a possibilidade da realização das festas juninas.

2.2 O “Buteco da Unidos em Asa Branca”.

Os eventos online reuniram nos meses de junho e julho de 2020 e 2021, atrações diversas, tanto religiosas como artísticas, com shows musicais, danças, casais de quadrilheiros juninos, entrevistas, rodas de conversas entre outros. Com isso, em alguma medida, passava-se a vivenciar de alguma maneira o rito festivo. Dessa forma, os eventos da quadrilha passaram a assumir um formato digital.

O primeiro evento a ser realizado pela quadrilha junina “Unidos em Asa Branca” foi o “Buteco da Unidos” uma apresentação musical, que ocorreu no dia 24 de abril de 2020, com transmissão via *youtube*, no canal da quadrilha.⁸

O referido canal, atualmente conta com 962 inscritos e a referida *live* conta com 226 curtidas e 5.152 visualizações. A *live* teve o objetivo de arrecadar doações. Na transmissão, foi perceptível a ocorrência de alguns problemas técnicos, como falta de áudio em alguns momentos, congelamento da imagem, dentre outros imprevistos. Esses desafios, no entanto, não impediram a sua realização e a transmissão que aos poucos foi sendo estabilizada.

Fig. 8- Cartaz de divulgação da *live* Buteco da Unidos.



Fonte: Foto de Jorge Roberto (2022).

Tendo como slogan “#partiu ensaio em casa”, a *live* buscou transferir de alguma forma para o ambiente virtual as atividades que a quadrilha normalmente estaria realizando de forma presencial, caso não houvesse a pandemia. Além disso, buscava conscientizar os quadrilheiros sobre a

⁸ Ver: @ juninaunidosemasabranca7872982 [YouTube Acesso dia 23/08/2023](https://www.youtube.com/watch?v=7872982)

necessidade de isolamento social em um momento em que a festa não poderia ser realizada nos moldes tradicionais.

A *live* contou com a participação do grupo musical composto por sete pessoas e direção da quadrilha, com um número bem reduzido de pessoas. Em um ambiente totalmente diferenciado, um pequeno cenário ornamentado com girassóis e pequenos vasos de flores, com suporte de madeira. Um lugar simples e decorado com características tradicionalmente relacionadas às festas juninas. Embora com um número reduzido de pessoas contou com a contribuição dos quadrilheiros, que ajudaram na ornamentação e organização do local da *live*. Das músicas tocadas embalaram o São João da “Unidos em Asa Branca”, muitas enaltecem a quadrilha a exemplo da música em tributo aos quarenta anos.

“Porque metade Unidos eu sou.

A outra metade também.

Quero a ti declarar meu amor.

Igual a você, Unidos não tem ninguém.”

(Fafá Santos, “Porque metade Unidos eu sou a outra metade também” 2019)

O São João da Unidos em Asa Branca foi de fato diferenciado, foi uma noite de agradecimentos e recordações, uma oportunidade de reunir mesmo que de forma virtual a comunidade junina, que de casa participaram enviando mensagens pelo *whatsapp* da quadrilha, pelo *youtube*, e até mesmo pelo celular dos cantores que constantemente recebiam mensagens nas quais muitos nomes foram citados, e no ambiente de descontração o grupo musical externou a saudade e a importância de festejar o São João.

Em dado momento, no final da *live*, ressaltou Fabiana, a cantora da quadrilha:

Lavem as mãos! Usem álcool em gel! E não vamos deixar jamais de acreditar, que isso tudo vai acabar! Uma hora isso vai acabar. A gente vai poder beijar, abraçar. Ai que saudade! Saudade é bom, muito bom, porque nos remete a coisas e a pessoas que a gente teve e que viveu

momentos bons, coisas boas, isso tudo nos traz saudade [Depoimento de Fafá Santos durante a *live* “Buteco da Unidos”, abril de 2020].

Ficam evidentes neste depoimento que nesse momento em que a festa não poderia ser realizada no formato mais tradicional, recorre-se às memórias e ao desejo de voltar a se encontrar depois da pandemia. A *live*, além disso, ainda que sendo uma forma de celebração inteiramente distinta, não deixa de ser uma das formas de reinvenção do próprio rito.

2.3 Revivendo o São João com a Unidos em Asa Branca

Naquele ano, como forma de contornar a tristeza que abatia a todos, a “Unidos em Asa Branca” decidiu postar registros de apresentações da quadrilha de anos anteriores em seu canal do *Youtube*. Na impossibilidade de experimentar a festa em seu formato mais tradicional, o grupo buscou reviver o rito festivo através de registros da memória. “Revivendo o São João com a Unidos em Asa Branca”, aconteceu no dia 24 de junho de 2020, para isso, utilizou gravações antigas realizadas pela quadrilha no ano de 2004.

Segundo Paulo Melo, componente e um dos fundadores da quadrilha Unidos em Asa Branca:

O intuito era apresentar o depoimento de como nos sentíamos sem São João exatamente o ano que estávamos completando 40. Teria que ser um vídeo mais antigo, porque ligaria a história da Unidos. Se colocasse o vídeo mais atual parecia que não existia uma história. Isso é amor por uma história [Entrevista com Paulo Melo 2022].

Com 513 visualizações,⁹ o registro se inicia com a fala do componente Paulo Melo, saudando os componentes e ex-componentes da quadrilha, ao relatar que estava tudo pronto para os quarenta anos da “Unidos em Asa Branca”, que lamentavelmente não iria acontecer, que mesmo sem chapéu, sem traje, sem saias, sem rodas, sem babados, sem balanço do ombro¹⁰, o São João iria acontecer sim, mesmo que de forma diferenciada. Logo em seguida André Camilo expressa o desejo do retorno do São João em 2021.

⁹ Os números de visualização referem-se ao mês de outubro de 2022.

¹⁰ Balanço do obro, prática realizada pelas quadrilheiras de Sergipe.

A ausência do São João tradicional, que se manifesta entre os integrantes do grupo, cria uma conexão com a memória e surge da necessidade de recriar a história. Essa falta foi evidente nos vídeos, discursos e músicas presentes no repertório das transmissões ao vivo, expressando sentimentos como saudade e lamento pela ausência da festa, assim como uma busca constante por reinvenção no ambiente digital.

No entanto, por alguns meses a “Unidos em Asa Branca” suspendeu suas atividades no ambiente digital, momento de recolhimento, uma vez que, a quadrilha perdeu dois participantes no período mais crítico da pandemia, vítimas de complicações decorrentes da Covid-19. O luto pela ausência da festa foi somado, portanto ao luto pela perda de alguns dos mais queridos integrantes.

2.4 Exposição de trajes

Em 2021, mais uma vez, não houve possibilidade de comemorar o São João. Ainda que a vacinação contra a Covid-19, finalmente, tivesse iniciado no Brasil com foco nos grupos mais vulneráveis e as recomendações para isolamento social tivessem sido relativamente reduzidas, as autoridades sanitárias avaliaram que não havia ainda condições para realizar festividades com grande aglomeração de pessoas, como as festas juninas.

Com isso, por mais um ano, a “Unidos em Asa Branca” passou a realizar atividades que, de alguma maneira, pudessem compensar a impossibilidade de realização da festa em seu formato tradicional. Uma dessas atividades, foi uma exposição de trajes de São João.

A exposição de trajes ocorreu de forma presencial, seguindo as orientações das autoridades sanitárias, sem aglomeração, no Parque Shopping, situado na capital Aracaju. É importante frisar que, que as vestimentas juninas são de grande importância, e atualmente não estão associadas a algo somente caipira ou rural, com saias rodadas, alegres, e tecido de xadrez, os trajes deixam de ser simplesmente vestes juninas e foram se adaptando devido as produções mais sofisticadas das quadrilhas juninas, e

se tornado trajes temáticos, para fazer parte de um contexto, com tema definido, músicas específicas de auditoria do grupo.

Segundo Heber Reis, componente da quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”, o intuito da exposição seria divulgar a quadrilha junina, mostrando a evolução dos figurinos, além de manter e incentivar o movimento junino no estado. Estavam expostos trajes que contam uma parte da história da Unidos em Asa Branca, cedidos por componentes e ex-componentes da quadrilha.

Conforme Pierre Nora (1993), a relação com os objetos simbólicos nos remete a vivências do passado que nos acompanha no presente pelo viés da tradição. Nesse sentido, baseado em um passado que vivemos e a busca constante de uma continuidade de memória, a exposição tinha o objetivo de reviver esse tempo projetado nos símbolos, uma vez que, vivíamos a descontinuidade da história no contexto de pandemia. Nas palavras de Nora (1993):

Da mesma forma que o futuro visíveis previsíveis manipuláveis baseados na projeção do presente [...], chegamos a uma ideia de um passado invisível de um passado coeso a um passado que vivemos com o rompimento de uma história que era procurada na continuidade de uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história (Nora, 1993, p.19).

Idealizada pela direção da “Unidos em Asa Branca”, a exposição dos trajes parecia remeter a uma necessidade de vínculo com um passado que parecia estar guardado na memória, tendo em vista um futuro incerto.

Fig. 9- Exposição de trajes



Fonte: Foto de Heber Reis (2021).

2.5 Live “Um novo ciclo”

A *live* “Um Novo Ciclo” realizada no dia 24 de julho de 2021 teve como objetivo homenagear a cantora Fabiana, que faleceu por conta de complicações de Covid-19 e apresentar a nova cantora da quadrilha Daniele Meneses. No início *live* Um Novo Ciclo ficou perceptível o sentimento de tristeza pela perda precoce de Fabiana, realidade vivida por milhares de brasileiros contaminados pelo vírus.

Fig. 10 -Marco Borges na *live*, tecendo homenagem a cantora Fabiana.



Fonte: imagem capturada do canal do Youtube (2021).

Em depoimento durante a *live*, Marcos Borges fez o seguinte comentário:

Nós não somos eternizados ou lembrados pelo tempo que vivemos aqui, mas pelo que construímos enquanto vivemos. Por acreditar que, nem sempre nós somos capazes de compreender as adversidades da vida e do mundo, e por causa disso muitas vezes entramos em conflito até mesmo com as nossas convicções, queremos estar onde não podemos, queremos ter o que já não temos. Mas a vida nos ensina que, nunca foi fácil, jamais será fácil aceitar algumas partidas, ainda mais quando nos referimos às pessoas que amamos [...] Jamais duvidem da dor da Unidos em Asa Branca. Não tem como voltar no tempo, mas a vida nos ensina que tem pessoas inesquecíveis, e se tratando de ser inesquecível a nossa eterna gogó de ouro Fafá Santos jamais deixará de ter um lugar na família que ela

escolheu fazer parte, a família Unidos em Asa Branca (Marcos Borges 2021, *live* transmitida pelo *Youtube*)

A *live* ocorreu com um número bem reduzido de organizadores e com 16 casais de quadrilheiros, seguindo os protocolos sanitários. Embora com clima de despedida, foi embalada com muito forró e dança, sua realização tinha o objetivo de iniciar um novo tempo, pessoas que fizeram parte da Unidos foram lembradas, Elói filho do seu fundador, entre outros que fazem a Unidos acontecer. Nas palavras de Marcos Borges: “*A vida nos ensina que apesar das tristezas, ela não nos permite parar.*”

Esse novo tempo esperado pela Unidos em Asa Branca incluía a nova cantora, com esperança de dias melhores. Diferentemente da primeira *live*, contou com a participação dos quadrilheiros que se dividiram em dois grupos. O primeiro grupo trajava um traje novo, com cores vermelho, azul e amarelo, idealizado com intuito de comemorar os quarenta anos.

O segundo grupo trajava o traje de 2018, amarelo e azul, em reverência ao girassol. Foi notório que o repertório musical mergulhou na história da “Unidos em Asa Branca”, com referência a cultura junina sergipana.

O grupo musical ficou posicionado em um palco bastante iluminado, com jogo de luzes, animando o grupo de quadrilheiros que por vezes dançava na *live*.

2.6 Clipe da canção “Vem São João”

O desejo da volta do São foi apresentado em outra atividade realizada pela quadrilha junina “Unidos em Asa Branca”, realizada no ano de 2021, durante a pandemia. A gravação de um videoclipe¹¹ de uma canção do compositor Evilásio Santos, integrante da quadrilha, cujo título era “Vem São João”, a ser divulgado no *Instagram* e na programação local da TV Sergipe.

¹¹ A gravação do clipe Vem de São João, música composta por Evilásio Santos, cantor da quadrilha Unidos em Asa Branca no ano de 2022, as imagens do clipe no Youtube são de Fernando Dimas/Djone Everton e João Gomes. Produção e direção de Marcos Borges, edição de imagens Dida Araújo. Fonte: *Youtube* Clip Vem São João.

Esta atividade reuniu um grupo musical, composto por cinco pessoas, com o cantor e compositor, um sanfoneiro, um zabumbeiro, um tocador de triângulo e um baixista, um pequeno grupo da direção da quadrilha e cinco casais brincantes com trajes juninos, vestes usadas no ano anterior, nas cores amarelo e azul, o casal de noivos trajando branco, rainha e rei do milho utilizando o verde, o cantor com chapéu de palha e o tradicional xadrez, veste utilizada nos meses juninos.

A gravação ocorreu no dia 27 de junho de 2021, dia nacional do quadrilheiro. O clipe tinha o objetivo de homenagear todos os brincantes e admiradores do movimento junino, bem como, expressar o desejo da volta do São João.

Dentre os elementos que foram utilizados no cenário, estavam: uma pequena igreja pintada em tecido, pequenos quadros de Santo Antônio, São João e São Pedro, figuras religiosas de grande representatividade no Nordeste, bandeirolas coloridas, balões, fogueiras, uma mesa contendo potes de barro comidas típicas do período junino, como canjica, pamonha, milho verde, bem como chapéu de palha e redes armadas.

Segundo Evilásio Santos, o compositor, o próprio nome da canção demonstra o desejo de voltar a celebrar as festas juninas e bem como exaltar a Unidos em Asa Branca.

A canção “Vem São João” contém, ao mesmo tempo, trechos que indicam a esperança e a saudade dos quadrilheiros em voltar a celebrar a festa:

*“A esperança que move nosso coração,
e o sabor da alegria do nosso São João
o prazer de viver o calor do arraíá
todo público unido numa só vibração.
Não consigo explicar a magia que fica no ar,
quando vejo a Unidos em Asa Branca dançar.
Vem São João, vem São João
devolva o calor da fogueira da imaginação.
Vem São João, vem São João
não dá pra passar mais um ano sem essa emoção,
vem São João, vem São João,
quadrilha junina Unidos do meu coração.”*

[“Vem São João”, Composição Evilásio Santos e Marcos Borges, 2021]

Figura 11- Gravação do Clipe “Vem São João



Fonte: imagem capturada do canal do *Youtube* (2021).

No videoclipe, enquanto os músicos se apresentam, os quadrilheiros dançam com alegria como se estivessem em um arraial. Em alguns momentos, durante o clipe, o foco das imagens se volta para o cenário e para as comidas típicas da época. Ao final, os participantes ainda fazem uma encenação como se estivessem em um concurso de quadrilhas, torcendo pela “Unidos em Asa Branca”. Todos esses elementos se unem para representar um pouco da “magia” e do “calor” inexplicáveis da festa que, ainda naquele ano, não seria possível reviver. No mesmo ano, a música “Vem São João” de Evilásio e Borges ganhou o prêmio “Sanfona de ouro”, prêmio destinado aos destaques no estado de Sergipe, motivo de muita alegria para o grupo Unidos em Asa Branca.

3- O RETORNO AOS ARRAIAIS “VIVER É MELHOR QUE SONHAR”.

*São João já chegou,
 a nossa festa já vai começar
 chegue correndo
 venha ser meu par
 e nessa brincadeira
 até o dia clarear
 puxe o fole sanfoneiro,
 que a zabumba esquento o coração,
 toca triângulo com muita emoção.
 E nessa brincadeira
 vem sentir meu São João.
 É UAB sendo diferente
 venha pra ver vem brincar com a gente
 a nossa alegria vai brilhar pra valer
 êêêê
 dançando quadrilha assim fazendo acontecer ,
 lê lê lê ô lê lê
 a, nessa brincadeira eu quero ser seu par para
 lê lê lê ô lê lê a,
 Unidos em Asa Branca veio pra contagiar.”
 (Fafá Santos, “São João já chegou”, 2019)*

Neste capítulo irei trazer como chegamos ao “fim” da pandemia e os preparativos para um futuro retorno da “Unidos em Asa Branca”, além de analisar a importância dos rituais festivos para os quadrilheiros. Logo em seguida, faço uma descrição de como a quadrilha junina “Unidos em Asa Branca” experimentou o retorno aos arraiais, a partir da experiência de voltar, relacionando fases do ritual, proposta por Van Gennep com o tema da quadrilha 2022.

É importante frisar que, os dados presentes neste capítulo fazem parte da minha vivência como componente na qual pude testemunhar todos os momentos, desde os encontros, como pré-junino, a apresentação do tema e os ensaios até a finalização das atividades de 2022, com a confraternização da quadrilha. Nos meses de junho e julho busquei viver o São João 2022 e, como

quadrilheira, tinha uma grande expectativa para o retorno, e, em alguns momentos percebi a emoção dos meus amigos quadrilheiros, que por vezes, deixara uma lagrima rolar no rosto, queria poder transmitir com a escrita tamanha emoção, dessa experiência de voltar.

3.1 “Fim” da Pandemia: E os preparativos para o retorno

De fato, a pandemia trouxe grandes desafios e uma crise profunda, interferindo na vida pessoal e coletiva de diversos setores da sociedade, uma vez que, os principais acontecimentos afetaram diretamente e indiretamente a forma como nos relacionávamos, resultando em mudanças tanto no âmbito individual como no coletivo.

Ficou evidente que o medo da pandemia só foi minimizado com o avanço científico, por meio da criação de vacinas contra o vírus. Essas conquistas alimentaram a esperança de que estaríamos mais próximos da cura e do fim da pandemia. Essas transformações podem ser narradas em três fases distintas: antes, durante e depois da pandemia.

Rosana de Castro (2021), destaca que, as primeiras vacinas receberam a autorização de uso em 2020 como experimento, e somente em 2021 foi autorizada no Brasil.

As primeiras vacinas receberam autorização para o uso emergencial em alguns países europeus e nos Estados Unidos e, no dia 17 de janeiro de 2021, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária autorizou o uso emergencial de duas vacinas no Brasil. Minutos depois, Mônica Calazan, mulher negra e enfermeira da UTI do Instituto Emílio Ribas (São Paulo-SP), foi a primeira brasileira vacinada no território nacional (Castro, 2021, p 18)

O ano de 2021 foi o ano de esperança, e de recomeço, isso só foi possível com início da vacinação, que possibilitou o acesso a lugares que antes estavam proibidos como shoppings, escolas, supermercados, entre outros. Foi também um ano de retorno das confraternizações das festas e celebrações religiosas, recados de abraços moderados e apertos de mão adiados por muito tempo. Foi perceptível que, o comportamento já não era mais o mesmo, a

interação online, o uso frequente das redes sociais, abriram novas possibilidades dentro da quadrilha junina, a exemplo das inscrições dos componentes passaram a ser digital, as redes sociais da quadrilha foram acessadas com mais frequência, a agenda dos eventos realizados pela quadrilha passou a ter uma adesão maior no *Instagram*, informações que ficavam restritas ao grupo.

Por outro lado, os encontros presenciais foram muito mais valorizados e desejados, com o distanciamento social vimos que, a interação online não suprime a necessidade da experiência concreta física do corpo. Além disso, voltar significava ter sobrevivido a pandemia, o primeiro encontro presencial da Unidos em Asa Branca foi marcado com muita emoção e alegria, ocorreu no mês de novembro de 2021 na Fundação Renascer, local citado anteriormente.

Nos primeiros ensaios era obrigatório o uso de máscaras e o comprovante de vacinação, os chapéus, as saias rodadas cheias de anáguas e a bela maquiagem ficaram em segundo plano, os cuidados contra a contaminação se tornaram necessários.

E como de costume, os ensaios permaneceram nos finais de semana, sábados e domingos, e perto do São João foram se intensificando. O traje e o tema seriam revelados no decorrer dos meses. Primeiro, foram elaboradas as partes coreográficas, pensadas e montadas pelo grupo de trabalho composto por quatro casais, que durante a semana realizavam o processo de criação artística.

O retorno aos ensaios foi algo bastante significativo, os preparativos para o retorno assumiram um caráter de vitória. Nos primeiros encontros as orações se remetiam ao momento que passamos, o cuidado que deveríamos ter e a esperança e o desejo de continuidade em 2022. Muitos quadrilheiros voltaram, e outros saíram, é importante frisar que existe uma certa rotatividade de quadrilheiros, além das rivalidades que ocorrem entre os grupos.

O retorno em 2022 contou com uma preparação especial, uma vez que, saímos de uma terrível pandemia, repassar as partes coreografias, e montagem do xote, xaxado e baião. O primeiro evento aberto ao público com

intuito de dar boas-vindas ao novo ciclo da “Unidos em Asa Branca”, chamado de “Pré-junino” é um evento de iniciativa da quadrilha, ocorreu no dia 29/05/22 no quadrilhedromo da Rua São João, realizado de forma presencial com participação dos quadrilheiros que iriam compor o grupo em 2022, bem como, os simpatizantes do movimento.

O evento contou com a participação do grupo de samba, “Samba da Gente”, além do grupo musical “Unidos em Asa Branca”, e apresentação da quadrilha “Chapéu de Couro” da cidade de Japoatã- SE, que fica a 69,3km da capital Aracaju.

Fig. -12 Cartaz do Pré-junino.



Fonte: Foto retirada do Instagram da quadrilha junina Unidos em Asa Branca (2021).

O Pré-junino é um movimento antes do São João que ganha cada vez mais notoriedade, uma vez que, são nesses eventos que acontecem sorteios de rifas e venda de gêneros alimentícios, que ajudarão nos custos.

No entanto, cabe ao quadrilheiro manifestar interesse de comercializar, se assim quiser. O Pré-junino é um grande encontro, momento de confraternização com componentes de outras quadrilhas, com amigos e

familiares. As atividades realizadas pela quadrilha, as apresentações, as confraternizações em grupos são promotoras de experiências singulares.

Nesse sentido, é nos preparativos para a realização das festas juninas, que o "Ser" quadrilheiro vai ganhando formas, antes e durante os ensaios, na medida em que o tempo passa, ficam mais definidas, antes mesmo que os festejos ocorram.

Em entrevista com as quadrilheiras Lucy Alves e Suzana Menezes, realizada em 08/03/22 em um dos ensaios, elas destacam a importância das quadrilhas juninas, na sua história de vida. Conforme a componente Lucy Alves, a quadrilha lhe tirou da depressão.

Em suas palavras:

A dança em si, é uma terapia sensacional. Sentir que está vivo e que não há limite de idade para balançar o corpo. Mas dançar quadrilha é paixão, amor, magia, surreal, encantamento e alegria. Estava no início de depressão e dançar quadrilha me resgatou, me devolveu a vontade de viver. Quando menos esperamos, fomos surpreendidos com a pandemia, o que nos impediu de continuarmos com nossa vida normal. Parecia um pesadelo sem fim e tudo foi ficando escuro, difícil, muito doloroso e triste. Fomos obrigados a nos afastar de nossos entes queridos, pessoas que amamos. Enfim, muitas perdas [Entrevista: Lucy Alves, componente da quadrilha "Unidos em Asa Branca", 08/03/2022]

Nas palavras de Suzana Menezes:

Dançar quadrilha é uma dosagem de prazer em minha vida, pois a quadrilha junina é a melhor arte. É como uma terapia, onde eu despejo minhas emoções e sentimentos através das coreografias. A quadrilha me liberta. A ausência na pandemia da mesma me deixou desesperada, entristeceu meu ser, pois sou amante dessa arte. Eu contava os dias para que tudo isso acabasse e que os espetáculos voltassem. Sem essa arte cultural não tem como viver. Eu até tento. Suzana Menezes, componente da quadrilha junina Unidos em Asa Branca. [Entrevista realizada no dia 08/04/22]

Os arraiais ficaram vazios e pairavam as incertezas quanto ao futuro, tempos difíceis para os quadrilheiros, foi necessário adaptar-se ao contexto incerto, caótico e cheio de desafios, buscando manter viva a tradição de dançar

quadrilha junina e suprir a ausência dos ensaios e apresentações em seus formatos mais tradicionais.

Dessa forma para quem vivenciou as consequências da pandemia, o retorno teve um gosto especial. Foram dois anos de espera sem o São João, sem as festas presenciais. Embora útil, as plataformas digitais não substituem o contato e o calor humano, em especial as celebrações dos ritos festivos tradicionais.

Conforme mencionado anteriormente, o retorno aconteceu gradativamente, seguindo os protocolos de segurança, incluindo o uso das máscaras nos ensaios e atividades presenciais, o uso de álcool em gel tornou-se tendência.

Usufruindo de uma “normalidade” conscientes dos riscos, o segundo evento tinha o objetivo de apresentar o tema de 2022, além do traje masculino e feminino, realizado na quadra do IFS (Instituto Federal de Sergipe). Cercado com muitos segredos, somente componentes e direção poderiam participar, porém, sem a presença de câmeras de celular.

O tema foi apresentado pelo ator Rad Rocha, momento de muitos sentimentos, uma vez que o tema dialogava com o contexto pandêmico. O ator iniciou uma performance com os olhos vendados e cantando a música “como nossos pais” de Belchior interpretado na voz de Elis Regina. A dinâmica contou com sua experiência de vida, ao relatar que perdeu o pai, e destacou a importância da vida, do ar que respiramos, e que “viver é melhor que sonhar”. O tema de 2022 da quadrilha “Unidos em Asa Branca” enfatizava a vida, que estaria sendo vista como algo muito mais que especial, uma vez que, no período pandêmico foi ameaçada.

Fig. 13-Ator Jad Rocha com os olhos vendados, cantando a música como nossos pais.



Fonte: Foto retirada do instagram da quadrilha junina Unidos em Asa Branca (2021).

A arte de viver" é sem dúvida é uma descoberta diária, é partindo desse pressuposto que a Unidos em Asa Branca este ano, em especial apresenta no ciclo junino uma temática saudosista e intimista, que pretende tocar cada um de maneira única. O projeto de 2022 tem como objetivo abordar os valores que permeiam a vida e faz dela uma dádiva valiosa. O que valioso trazemos nessa caminhada, certamente são os sentimentos, que nos embalam o viver e o sentir. A saudade a cumplicidade e esperança, o amor e a alegria de celebrar o pulsar a vida. O desejo de abordar o tema; O que valioso eu trago em mim? parte da necessidade de revisitar o sentimento adormecido pelo pesadelo vividos nos dois últimos anos de pandemia, que nos colocaram em um mundo virtual, no qual a magia do São João não acabe. A apresentação da Unidos em Asa Branca inicia a partir do acordar do pesadelo [Tema desenvolvido por Marcos Borges e Jad Rocha].

Após a consolidação do tema, apresentação do traje, montagem das partes coreográficas e repertório, a apresentação do “mapa” seria o próximo passo, esse momento é relativamente tenso, é o momento de escolha dos lugares, feito antecipadamente pela direção e marcador. No desenho coreográfico da quadrilha são escolhidos os casais que irão compor a base, frente, meio, fundo, que no decorrer do São João terão o compromisso de ser referência. No ano de 2022 as escolhas dos lugares contaram com uma dinâmica que deixou o grupo descontraído e quebrou o clima tenso.

Foi colocado no chão na posição de cada casal um papel com palavras como: sabedoria, amor, humildade, doação. O nome do casal encontrava-se no verso. A dinâmica ajudou a minimizar as insatisfações quando o lugar não era desejado. Uma vez que, dançar na frente e ser destaque é almejado por muitos quadrilheiros. Por outro lado, é possível dizer que o retorno da “Unidos em Asa Branca” aos arraiais foi cercado de sentimentos como, emoção, alegria e realização.

3.2 “ O que de valioso eu trago em mim?” retorno aos arraiais.

Em 2022, a temática "Vida" levou para os arraiais a emoção de poder compartilhar sentimentos, como amor, amizade, saudade, envolvendo o ser quadrilheiro. Com caráter espetacular e competitivo, e certo grau de sofisticação artística, a quadrilha tinha o objetivo de refletir com o público sobre a “Vida” e tudo aquilo que ela representa na sua plenitude. Nesse sentido, com dimensões estéticas e simbólicas, o curso da vida passa a adquirir sentido a partir dos rituais, que contém elementos afetivos e cognitivos que permeiam o universo do quadrilheiro.

Victor Tuner destaca que:

O próprio Van Gennep (1960) definiu ritos de passagem como ritos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade. Para ressaltar o contraste entre estado e transição, uso estado para incluir todos os outros termos de sua definição. Van Gennep mostrou que todos os ritos de transição vêm marcados por três fases: separação, margem (ou limen) e agregação. A fase inicial de separação compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo, ou do grupo, seja de um ponto fixo anterior, na estrutura social, ou de um conjunto de condições culturais um estado durante o período liminar, interveniente, o estado do sujeito ritual o passageiro é ambíguo; ele percorre um reino que tem poucos ou nenhum dos atributos dos estados passado ou vindouro; na terceira fase a passagem é consumada. O sujeito do rito, individual ou corporativo, encontra-se, uma vez mais, numa condição estável, em virtude da qual tem direitos e obrigações de um tipo estrutural claramente definido, e dele se espera um comportamento de acordo com certas normas costumeiras e certos padrões éticos. (Tuner 2005 P.138).

De fato, os rituais marcam a passagem entre as divisões estabelecidas socialmente, e acompanham as mudanças, em que o sujeito individual e corporativo encontra-se na condição estável em virtude das obrigações

estruturadas claramente definidas dentro do ritual, de acordo com as normas e costumes e padrões. Foi notório que, as mudanças dos ritos festivos no contexto de pandemia influenciaram nessas fases que o definem inclusive no contexto pós-pandemia.

Dessa forma, as ações da quadrilha junina Unidos em Asa Branca no contexto pandêmico, pode ser dividida em três fase, antes, durante e “depois”, partindo do pressuposto que são processos transitórios de situação social, onde seus componentes sofreram uma espécie de desconstrução, e criação no ambiente virtual.

Os aspectos do ritual abordados pelo autor em “A floresta dos Símbolos” (1967) discutem experiência do ritual, a partir da noção de liminaridade, e destaca pontos centrais entre noções que ligam drama social e performance.

Segundo Van Gennep (2018) os ritos acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social e idade. E para indicar o contraste de transição, de emprego e estado, incluindo todos os seus outros termos, chamou de fase “Liminar” dos ritos de passagem. Para o autor, os rituais marcam a passagem entre as divisões estabelecidas socialmente. Nesse sentido, busquei fazer essa relação das fases estabelecidas pelo autor, com as fases vividas pelos componentes da quadrilha junina Unidos em Asa Branca, destacando a ação performática do tema em 2022. “Vida”, O que valioso eu trago em mim?

Primeira fase, Afastamento do indivíduo do grupo, a rotina dos ensaios, das apresentações das vivências em grupo (Início do Período pandêmico), o autor traz a fase de separação, que abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto definido culturalmente.

Segunda fase, O autor destaca período "limiar" intermédio. (Durante a fase mais crítica da pandemia, quarentena), período transitório, o retorno ao cotidiano. Para o autor as características do sujeito ritual são transitórias e ambíguas, passam através de um domínio cultural que têm poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro.

Terceira fase do ritual: (Pós-Pandemia), agregação ou reincorporação, consoma-se a passagem. Segundo o autor, o sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido estrutural, esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos.

Dessa forma, busquei fazer essa relação das fases estabelecidas por Van Gennep, com as fases vividas pelos componentes da quadrilha junina Unidos em Asa Branca, destacando a ação performática do tema em 2022. “Vida”, O que valioso eu trago em mim? A apresentação dividia-se em quatro momentos, ao falar da vida que passava pelo momento de escuridão (pandemia) o pesadelo de não viver o São João, e no segundo ato a pessoa do marcador, na sua fala, destaca a falta da quadrilha, a falta do quadrilheiro, a falta do São João.

Fig. 14 - “O que é valioso eu trago em mim?” Com um coração ao centro representando a vida. o sangue que passa pelas artérias e faz pulsar o coração.



Fonte: Foto retirada do Instagram da quadrilha junina Unidos em Asa Branca (2021).

Dividida em quatro atos bastante significativos e simbólicos, que retratavam a volta da vida depois de um terrível pesadelo, a quadrilha iniciou o ano de 2022.

Fig. 15- Pesadelo tentado tornar a vida algo sem luz e sem emoção.



Fonte: Foto do ator Jad Rocha (2021).

Eu hoje tive um pesadelo e levantei atento
 A tempo,
 Eu acordei com medo e procurei no escuro
 Alguém com seu carinho
 E lembrei de um tempo
 Porque o passado me traz uma lembrança
 Do tempo que eu era criança
 E o medo era motivo de choro
 Desculpa pra um abraço ou um consolo
 Hoje eu acordei com medo
 Mas não chorei, nem reclamei abrigo
 Do escuro eu via um infinito sem presente
 Passado ou futuro
 Senti um abraço forte, já não era medo
 Era uma coisa sua que ficou em mim
 De repente, a gente vê que perdeu
 Ou está perdendo alguma coisa
 Morna e ingênua, que vai ficando no caminho
 Que é escuro e frio, mas também bonito
 Porque é iluminado
 Pela beleza do que aconteceu há minutos atrás.
 (Composição: Cazuza/Roberto Frejat, (1998) Interpretada por Ney
 Mattogrosso)

Ao som da música Poema, no primeiro ato, “O pesadelo de não viver o São João”:

Primeira fase, de Separação.

A vida é representada pelo ator Rad Rocha, que passa por um momento de escuridão cheia de desafios e mistérios. A personagem “Vida” vive o pesadelo que é, existir sem sentir na sua totalidade as emoções que nos cercam. O afastamento do indivíduo do grupo, a rotina dos ensaios, das apresentações das vivências em grupo, seria um momento de escuridão, desafios e mistérios.

Segunda fase, Liminar o retorno ao cotidiano período de transição.

A vida passa por um momento mórbido e escuro, em uma noite fria cheia de mistérios e seres sombrios que tentam tornar o existir, algo sem graça, sem emoção, sem luz. Cercado pelo sentimento de saudade de não poder celebrar o São João, a personagem torna-se uma nova “Vida”, energética, revigorada e cheia de luz, feito a noite junina, e volta a existir diante dos desafios.

No segundo ato, a esperança retorna representada na pessoa do marcador André Camilo.

Fig. 16- Personagem esperança representada pelo marcador que entra sozinho no meio do salão, faz um momento de silêncio.



Fonte: Foto retirada do *Instagram* da quadrilha junina Unidos em Asa Branca.

Terceira fase, agregação ou reincorporação no grupo, representa os três atos apresentados pela quadrilha, uma vez que, o grupo volta a assumir características estruturais com normas e padrões estabelecidos socialmente, com as mudanças que ocorrem nas fases anteriores.

A personagem esperança surge com os quadrilheiros lutando para mostrar sua força e determinação ao dançar o baião, e a união e cumplicidade do grupo abrindo caminho para o amor, que é representado pelo marcador e sua dama ao usarem trajes na cor verde, que representa a esperança de dias melhores.

A participação do marcador nesse segundo ato é significativa, ao cumprimentar o público, representando todos os quadrilheiros, relata a saudade que estava do São João e de poder dançar e viver o sentimento de ser quadrilheiro.

No meio do salão em tom alto e imponente fala que está faltando algo, e pergunta, “Cadê a minha quadrilha?”. As cortinas se abrem mostrando os quadrilheiros que cantam junto com a esperança mostrando força e determinação e amor ao São João.

*Vou lhe mostrar o que de valioso eu trago em mim
Fazer brilhar referir no meu corpo emoção em sentir
O valor que o bem precioso me faz cultiva*

*O amor o que de presente a vida me dá
Saber viver sendo grato a tudo de bom que se tem
Reconhecer que só se é feliz praticando o bem
Valorizar cada ser que seu caminho passar
Pois amigo é uma jóia rara de encontrar
Reciprocidade, sinceridade, ter lealdade e união
Nem o tempo, e a cronologia pode mensura
Pois amigo é uma jóia rara de se encontrar.*

(Fafá Santos, música principal da apresentação, 2022).

O terceiro ato, a vida que volta a pulsar através do amor, sendo representado pelo casal de noivos.

Fig. 17 Casal de noivos da Unidos em Asa Branca



Fonte: Foto Acervo de Heber Reis (2021).

A vida que volta a pulsar através do amor, a personagem vida surge na sua magnitude para testemunhar o momento clímax do espetáculo, onde seu pulsar se materializa por meio do amor unindo um casal de noivos, que bailam e dança ao som do xote, e celebram a união na presença da vida, e acontece o casamento como manda a tradição dos festejos juninos.

O quarto último ato a Alegria de Viver.

Fig. 18- Quadrilha Junina Unidos em Asa Branca, final do concurso “Levanta Poeira” realizado na cidade de Socorro - SE, organizado pela TV Sergipe.



Fonte: Tv Sergipe (2022).

Em seguida a personagem “Vida” agora humana celebra a beleza de sua participação junto com os quadrilheiros e ao público que se une através da alegria de festejar os ciclos e a preciosidade de sentir-se imortal. A quadrilha sai do arraiaá regando a árvore da vida e festeja a dádiva de existir e resistir. E assim termina a apresentação da quadrilha junina Unidos em Asa Branca cantando a música de Gonzaguinha. “O que é, o que é ?”

*Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita
Viver e não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar, e cantar, e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah, meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor
E será!
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita .*

(Gonzaguinha, "O que é, o que é?", 1982)

Voltar aos arraiais significou o início de um novo ciclo, cheio de esperanças. A temática da "Unidos em Asa Branca" em 2022 dialogava com os tempos de pandemia, o pesadelo representava os dois últimos anos de pandemia, personagens vestidos de preto, sufocando a vida representada pelo ator Jad Rocha, ponto de partida para o desenvolvimento do tema, que traz a "Vida" como personagem principal.

Embora as festas tenham ocorrido no ambiente virtual, o retorno às apresentações presenciais abriu portas para esperança, no enredo representado pela pessoa do marcador, que logo em seguida chama os quadrilheiros para comemorar e festejar, trazendo sentimentos e valores que permeiam a vida humana, sua entrada no Arraiá foi significativa, cercada de emoção.

Nesse sentido, em busca de abordar valores da vida e o que faz dela valiosa, cheia de sentimentos como saudade, cumplicidade e esperança, amor e alegria de celebrar o pulsar da vida, fez a "Unidos em Asa Branca" em cada apresentação buscou transmitir ao público a mensagem otimistas, mostrando que o pesadelo da pandemia não conseguiu apagar o brilho da vida, com o seguinte questionamento, "O que Valioso trago em mim?" Finalista do concurso Levanta Poeira TV Sergipe, ficando em segundo lugar, e grande campeão do concurso Arrasta Pé organizado pela LINQUAJUSE, com o apoio da TV Atalaia.

No mesmo ano, como convidada a quadrilha apresentou o festival de quadrilhas juninas em Recife, que ocorreu no dia 11/06/22 no Ginásio Geraldão, os nove estados do Nordeste enviaram suas representantes. Encerrara-se, com isso, o ciclo festivo deste ano, retomando o ritual em sua forma tradicional.

Apesar dos desafios e das inúmeras perdas enfrentadas durante a pandemia, a Unidos em Asa Branca demonstrou a centralidade da festa para os seus participantes e a capacidade sempre criativa de reinvenção do próprio

rito festivo em um momento em que este possivelmente não poderia ser realizado.

Fig- 19 Apresentação em Recife, para o rede Globo nordeste.



Fonte: imagem capturada do canal do *Youtube* (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras ideias de elaboração da presente pesquisa surgiram no período da pandemia. Foram inúmeros questionamentos, vivíamos momentos de reflexão, um misto de medo e incertezas e saudade. E, como quadrilheira, me senti na obrigação de deixar registrado esse período tão difícil de não poder celebrar o São João, de não poder dançar quadrilha junina.

O São João de Sergipe se destaca dentro das festas populares existentes no Brasil, pela diversidade mobilizadora, com grande capacidade de gerar experiências individuais e coletivas, assumindo dimensão simbólica de atividade ritualística, que tem a quadrilha junina como uma das principais atrações, presentes nos concursos em diversos lugares em Sergipe, com destaque no quadriodromo da Rua São João, Centro de criatividade situados na capital Aracaju.

Lamentavelmente no contexto pandêmico, todas as celebrações festivas espalhadas no Brasil e em Sergipe foram suspensas, impactando fortemente a vida dos sergipanos em todas as suas dimensões, inclusive no campo festivo, em especial o São João. Dessa forma, ao refletir sobre os efeitos da ausência das festas juninas neste contexto.

O objetivo da pesquisa foi analisar as dinâmicas e transformações em torno dos rituais festivos das quadrilhas juninas de Aracaju SE no contexto da pandemia da Covid-19. De modo particular, procurei compreender experiências dos quadrilheiros em relação à ausência das festas juninas em seu formato mais tradicional, entre os anos 2019 e 2021.

Dentre os objetivos deste trabalho, busquei destacar o que foi realizado pelas quadrilhas juninas durante o período sem apresentações, compreender os sentidos da ausência da festa junina em seu formato mais tradicional no contexto de pandemia; analisar a ressignificação da festa junina naquele período de isolamento social físico e no seu retorno aos arraiais.

Para chegar aos objetivos propostos, a metodologia passou por ajustes, uma vez que, estávamos na pandemia. No primeiro momento, foi necessário

rastrear eventos online realizados pela “Unidos em Asa Branca” e acompanhar as informações disponibilizadas pela direção e equipe de trabalho, grupo restrito à alguns quadrilheiros. Informações como e onde os eventos on-line iriam acontecer, temas, quantidade de participantes, ações desenvolvidas pela direção, projetos para um futuro retorno. Isso foi possível pela minha proximidade com os amigos quadrilheiros/as.

Algumas informações foram coletadas pelo *WhatsApp*, e pela agenda da quadrilha disponibilizada no *Instagram*. No segundo momento, foi necessário compreender sobre o ritual, e como os autores das ciências traziam esse tema, foram realizados levantamentos de aspectos teóricos, e as reflexões feitas por eles, e como poderiam contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

Logo em seguida, busquei entender o que foi (ou o que é) a Pandemia da Covid-19 e os impactos em torno da dinâmica das festas, e como foi vivenciada pelos brasileiros, no campo das festas e celebrações, além da origem da quadrilha junina.

Constatou-se que, em Sergipe a reinvenção criativa da quadrilha Unidos em Asa Branca contou com os meios disponíveis em redes sociais como o *youtube*, *Instagram*. Por esses meios interativos comunicativos, a quadrilha manteve viva a chama dos festejos juninos, e mesmo não comemorando os quarenta anos se fez presente no cenário cultural sergipano, se reinventou mantendo a regularidade na sua realização, mesmo com todas as adversidades e dificuldades.

Essa reinvenção criativa, contou com realização de *lives* musicais, exposição de trajes juninos, a quadrilha lembrou momentos marcantes na impossibilidade de comemoração o São João nos arraiais, as experiências do novo ambiente foi compartilhada com os quadrilheiros que de casa interagiam com mensagens, compartilhamentos, *likes*.

Constatou-se que com a impossibilidade de apresentações, os lugares de apresentação como quadrilhedromo da Rua São João, Centro de Criatividade, Gonzagão, no decorrer da pesquisa eles foram lembrados pelos

quadrilheiros como arenas das quadrilhas juninas e lugar de encontro dos quadrilheiros casa das quadrilhas juninas de Sergipe.

Dentre os principais resultados, destaca-se, que o ambiente online foi de fundamental importância, por outro lado, com a falta do contato humano, falta dos abraços, e aperto de mãos, prevaleceram os sentimentos de saudade, tristeza, e frustração, ao analisar as mudanças do formato tradicional para o on-line ficou perceptível que as mudanças dentro da quadrilha junina foram sentidas pelos quadrilheiros, que destacou a importância das experiências individuais e coletivas no formato tradicional.

Constatou-se que, o comportamento já não era mais o mesmo, a interação online, o uso frequente das redes sociais, abriram novas possibilidades dentro da quadrilha junina, a exemplo das inscrições dos componentes passaram a ser digital, as redes sociais da quadrilha foram acessada com mais frequência, a agenda dos eventos realizados pela quadrilha passaram a ter uma adesão maior no *Instagram*.

Por outro lado, os encontros presenciais foram muito mais valorizados e desejados, com o distanciamento social vimos que, a interação online não supri-o a necessidade da experiência concreta física do corpo.

O retorno da quadrilha junina Unidos em Asa Branca aos lugares tradicionais das apresentações em 2022, foi cercado de muita emoção, com a temática "Vida" com objetivo abordar os valores que permeiam a vida e faz dela uma dádiva valiosa levou para os arraiais a emoção de poder compartilhar sentimentos, como amor, amizade, saudade, envolvendo o ser quadrilheiro, ligando o contexto pandêmico, a quadrilha trouxe o personagem "Vida" que lembra do pesadelo de não viver o São João, a esperança surge com força e determinação, e chama os quadrilheiros para dançar e festejar novo tempo, onde seu pulsar se materializa por meio do amor unindo um casal de noivos, que bailam e dança ao som do xote, e humana a vida celebra a beleza de sua participação junto com os quadrilheiros e ao público.

As questões aqui tratadas poderiam ser percebidas em outras quadrilhas, com outras possibilidades e informações mais específicas, uma vez

que, mesmo sendo quadrilhas juninas e compartilham do mesmo São João, apresentam regimentos diferentes, sociabilidades em outros formatos.

Nesse sentido, ao abordar essa temática, além de, abrir portas para novas possibilidades de estudo no que se refere às quadrilhas juninas como um lugar de sociabilidade, nos faz compreender os processos ricos e complexos de reelaboração das dinâmicas festivas nesse campo.

Além disso, contribui para um maior entendimento em torno da importância dos rituais festivos em nossas vidas, uma vez que, dentro do calendário as festas exprimem o ritmo da atividade coletiva, praticada anualmente. A temática abordada nesta pesquisa possibilita diversas entradas teóricas e metodológicas no campo antropológicos e sociológicos.

REFERÊNCIAS

ABRAHAMAS, Roger. Prefácio à edição de bolso da Editora Aldine. *In*. TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 7 – 12.

ARAÚJO, Liane Matos. **Juventude e Quadrilha Junina estilos de vida sociabilidade no cenário do consumo cultural**. Aracaju SE, 2015.

CAVALCANTI, Bruno César. **Novos lugares da Festa tradições e mercados**: Revista Observatório Itaú Cultural: OIC. – N. 14 mai. 2013. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura De Castro; GONÇALVES, José Reginaldo S. Cultura, Festas e Patrimônio. *In*. **Horizonte das Ciências Sociais no Brasil**. Antropologia, coordenador geral Carlos Benedito Martins, coordenador de área Luiz Fernando Dias Duarte; São Paulo: 2010. p. 259 – 292.

CAVALCANTI, Maria Laura; GOLÇALVES, Renata de Sá. Apresentação. *In*. CAVALCANTI, Maria Laura; GOLÇALVES, Renata de Sá (Orgs.). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia** Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2021. Dados eletrônicos. – (Série Livros Digital, 23) p. 8 – 21.

CASTRO, Rosana. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia? *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. v. 31, n. 01 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310100> Acesso em: jan. de 2022.

CHIANCA, Luciana e NETO, Hugo Menezes. Vai ter São João! Quadrilhas e Concursos em tempos de covid-19 em Pernambuco e na Paraíba. *In*. CAVALCANTI, Maria Laura; GOLÇALVES, Renata de Sá (Orgs.). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia** Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2021. Dados eletrônicos. – (Série Livros Digital, 23) p. 91 – 108.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **São João está dormindo, não acorda não! Celebrando a festa junina, apesar da pandemia**. Revista Antropolítica, v. 54, n. 3, Niterói, p. 68-91, 3. quadri., set./dez., 2022.

_____. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa**. Sociedade e Cultura, vol. 10, núm. 1, janeiro-junho, 45-59, 2007

_____. Devoção e diversão: Expressões contemporâneas das festas dos santos católicos. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 11, volume 18 (2):49-74, 2007b.

CNN Brasil. **Epicentro do Vírus, Brasil tem potencial de Positivos 6 vezes acima do Almejado.** São Paulo 2021. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/epicentro-da-pandemia-brasil-reduz-testagem-e-tem-percentual-de-positivos-6-vez/> Acesso em Mar de 2023

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Apresentação. *In.* VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem.** 4 ed. 2ª. Reimp., Petrópolis: Vozes, 2018, p. 9 – 20.

DANTAS Beatriz Gois (Org.). **Cultura Festiva em Sergipe.** Múltiplos olhares sobre o São João de Sergipe Organizadora: Eufrázia Cristina Menezes Santos; 1. ed. – Aracaju, SE : Criação Editora, 2022.

DURKHEIM, Émile. Introdução e conclusão. **As Formas Elementares da Vida Religiosa:** O Sistema Totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FIOCRUZ. Marco de 500 mil mortes por Covid-19 no Brasil. Fiocruz, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/boletim-destaca-marco-de-500-mil-mortes-por-covid-19-no-brasil> Acesso em: Dez de 2022.

FIOCRUZ. Impactos sociais econômicos e culturais da pandemia. *In.* **Observatório da Covid.** Informação para ação. Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia> Acesso em: Dez. de 2022.

F5 NEWS, Por Saullo Hipólito. **Pandemia apaga por ora, o brilho das quadrilhas juninas de Sergipe.** Aracaju se 2020. Disponível em <https://www.f5news.com.br/cotidiano/pandemia-apaga-por-hora-o-brilho-das-quadrilhas-juninas-em-sergipe.html> Acesso em: Mar de 2023.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar.** Como fazer pesquisa em Ciências. 8 edição. Rio de Janeiro, Record 2004. Acesso em outubro de 2021.

GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. Finalizando a Primeira Série do Boletim Cientista e o corona vírus: Um balanço inicial. *In.* GROSSI, Miriam

Pillar; TONIOL, Rodrigo (Orgs.) **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 24.

Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/ciencias-sociais/destaques/2458-livro-cientistas-sociais-e-o-coronavirus-ebook-download-gratuito>

INFONET, **Infectologistas alertam sobre a proibição de fogueira durante a pandemia**. O que noticia em Sergipe, Aracaju Se 2021. Disponível : <https://infonet.com.br/noticias/saude/infectologista-alerta-sobre-proibicao-de-fogueiras-durante-a-pandemia/> Acesso em Mai. de 2023.

PEIRANO, Mariza. **Rituais De Ontem e de Hoje**: Ciências sociais Passo a Passo, editora, zahar.com. br, Rio de Janeiro: 2003.

LEAL, João. A falta que a festa faz. *In*. CAVALCANTI, Maria Laura; GOLÇALVES, Renata de Sá (Orgs.). **A falta que a festa faz**: celebrações populares e antropologia na pandemia Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2021. Dados eletrônicos. – (Série Livros Digital, 23). p. 22 - 36

MENEZES NETO, Hugo. **O Balancê no arraiá da capital**. quadrilha é tradição no São João do Recife. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2008.

_____. **O balancê no arraiá da capital quadrilha e tradição no São João do Recife**. Recife: Ed. do autor, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é a Covid 19?** Ministério da Saúde. Abril de 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em: Abr. de 2022.

MONTEIRO, Risia Rodrigues Silva. **Os Saberes e fazeres de Aglaé D'Ávila Fontes: Uma educadora e Mediadora Cultural sergipana (1955-2005)**. Tese Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão SE, 2021.

NAKAMURA Eunice e SILVA da Goncalves Cristiane. O Contexto da Covid 19, desigualdade sociais, vulnerabilidade e caminhos possíveis. *In*. GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (Orgs.) **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 157.

Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/ciencias-sociais/destaques/2458-livro-cientistas-sociais-e-o-coronavirus-ebook-download-gratuito>

NOLETO da Silva. Pandemia de *lives*: Sobre o Covid-19 e música no Brasil. *In.* GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (Orgs.) **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 402. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/ciencias-sociais/destaques/2458-livro-cientistas-sociais-e-o-coronavirus-ebook-download-gratuito>

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares; Rio de Janeiro 1993.

RIBEIRO, L. C. S. Santana, J. R Andrade, J. R. L. Moura, F. R., Esperidião, F., Jorge, M. A Santos, G. F. Cerqueira, R. **Estimação de impactos econômicos da pandemia COVID-19 em Sergipe**. Nota Técnica LEADER-UFS. Nº 02-2020, Laboratório de Economia Aplicada e Desenvolvimento Regional (LEADER) da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Maio/2020

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes (org.). **Gente que Brilha: Quadrilha e Quadrilheiro de Sergipe**. Múltiplos olhares sobre o São João de Sergipe Organizadora: Eufrázia Cristina Menezes Santos; 1. ed. – Aracaju, SE : Criação Editora, 2022.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes, e RIBEIRO Rebeca Aimée Massonetto: **Representações da Região Nordeste nas quadrilhas Juninas de Sergipe**. Múltiplos olhares sobre o São João de Sergipe / Organizadora: Eufrázia Cristina Menezes Santos; Prefácio de Joelina Souza Menezes. -- 1. ed. – Aracaju, SE : Criação Editora, 2022.

ZAMITH, Rosa Maria. **A dança da quadrilha na Cidade do Rio de Janeiro sua importância na sociedade oitocentista**. Cultura e arte populares, Rio de Janeiro: 2007.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**. Aspectos do Ritual Ndmbu. Niterói: EdUFF, 2005. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 2013.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. 4 ed. 2ª. Reimp., Petrópolis: Vozes, 2018